

Maria de Lourdes Secorun Inácio

**DISCIPLINA E AUTONOMIA: UM DIÁLOGO ENTRE KANT E
ADORNO**

Dissertação apresentada ao mestrado de Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo – UPF, como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação sob orientação do professor Dr. Cláudio Almir Dalbosco.

Passo Fundo
2012

CIP – Catalogação na Publicação

- I35d Inácio, Maria de Lourdes Secorun
Disciplina e autonomia : um diálogo entre Kant e Adorno / Maria de
Lourdes Secorun Inácio. – 2012.
69 f. ; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo,
2012.
Orientação: Prof^o. Dr. Cláudio Almir Dalbosco.
1. Autonomia (Filosofia). 2. Adorno, Theodor W., 1903-1969. 3. Kant,
Immanuel, 1724-1804. 4. Educação. 5. 5. Aprendizagem. I. Dalbosco,
Cláudio Almir, orientador. II. Título.

CDU : 37.01

Bibliotecária responsável Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Dedico aos meus e a mim.

À minha família pelo apoio e incentivo, aos meus amigos Alexandro Vaz por estar sempre presente, à Nicole Bozzetto pela disponibilidade e contribuição nos momentos difíceis. Ao meu orientador professor Dr. Claudio Almir Dalbosco pela paciência e carinho com que me acompanhou neste período.

*“A cada canto um grande conselheiro,
Quando nasceu a geração, a que pertença, encontrou o mundo desprovido de apoios para quem tivesse
cérebro, e ao mesmo tempo coração. O trabalho destrutivo das gerações anteriores fizera que o mundo, para o
qual nascemos, não tivesse segurança que nos dar na ordem religiosa, esteio que nos dar na ordem moral,
tranqüilidade que nos dar na ordem política. Nascemos já em plena angustia metafísica, em plena angústia
moral, em pleno desassossego político”.*

Fernando Pessoa

RESUMO

A presente pesquisa tem por meta investigar a importância da educação no processo de conquista da autonomia, tomando como referência as reflexões de Theodor Adorno. Como o referido autor parte do pensamento de Kant, faz-se necessário retomar as reflexões desse autor sobre o esclarecimento e a maioria pedagógica. Inspirando-se nos dois autores, o objetivo da pesquisa é estabelecer uma relação entre o processo de ensino e aprendizagem que decorre do nascimento à fase adulta, abordando como a autonomia vai sendo conquistada durante este processo formativo. É na educação e através dela que o ser humano aprende a viver em sociedade e somente uma sociedade democrática, onde a autoridade é exercida com legitimidade e não com autoritarismo, é capaz de formar seres humanos com sensibilidade e responsabilidade para respeitar uns aos outros e não permitir que a barbárie que assolou a humanidade torne a se repetir. Para abordar o tema do esclarecimento e maioria no pensamento dos autores, delimitou-se a investigação no escrito *Sobre a pedagogia* de Kant e *Educação e emancipação* de Adorno. A metodologia adotada é de natureza bibliográfica, implicando em um trabalho analítico-reconstrutivo dos textos, escolhendo e analisando passagens diretamente relacionadas ao tema e ao problema de investigação. Como resultado provisório, destaca-se o quanto a noção de emancipação de Adorno é tributária da noção de maioria pedagógica de Kant, sobretudo, no que diz respeito à exigência maior posta pelo esclarecimento kantiano ao indivíduo em relação a ter a coragem de pensar por conta própria (*Sapere Aude!*).

Palavras Chave: Educação. Autonomia. Esclarecimento. Maioria. Barbárie. Formação

ABSTRACT

The work presented aims to investigate the importance of Education in the process of achieving self-determination adopting, as reference, Theodor Adorno's premises. Since the author aforementioned starts his works from the ideas of Kant, it is mandatory to comprehend Kant's thoughts on enlightenment and educational adulthood. Inspired by these two authors, the main goal of this work is to establish a relationship between the teaching process and the learning ability, which begins since birth and goes until adulthood, approaching how self-determination is acquired during this process. Its through education that the human being learns how to live in a society, and only in a democratic society, where there's legitimate authority and not an authoritarian one, it is possible to form sensible and responsible human beings so they can respect one another and not allow that the barbaric acts that once ravaged the world happen once again. To comprehend enlightenment and adulthood in the ideas of these two authors the studies focused on "Uber Padagogik" by Kant and "Erziechun zur Mundgkeit" by Adorno, because these are fundamental to investigate the subject in hand. The utilized working method is primarily bibliographical, which implicates in an analytic-reconstructive research by choosing and analyzing different fragments from many sources. As a provisory result, it is possible to assert how much Adorno's emancipation is due to Kant's educational adulthood notion, specially regarding the higher demand for the individual to have the courage to think for himself imposed by Kant's enlightenment (Sapere Aude!).

Key-words: Education. Self-Determination. Enlightenment. Adulthood. Barbarism. Building

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
1. DISCIPLINA E AUTONOMIA EM KANT	10
1.1. SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA	12
1.2. SOBRE A EDUCAÇÃO PRÁTICA.....	15
1.3. DISCIPLINA	18
1.4. TIPOS DE EDUCAÇÃO E DISCIPLINA	22
2. DISCIPLINA E AUTONOMIA EM ADORNO	26
2.1 EDUCAÇÃO E INFÂNCIA	26
2.2. EDUCAÇÃO INFANTIL	28
2.3. DISCIPLINA	30
2.4 AUTORIDADE E AUTORITARISMO.....	32
2.5 O PAPEL DA EDUCAÇÃO COMPREENDIDA COMO ADAPTAÇÃO E RESISTÊNCIA	40
3. AFINIDADES ELETIVAS E DIFERENÇAS ENTRE KANT E ADORNO NO QUE CONCERNE A DISCIPLINA E A AUTONOMIA.	51
3.1 INFÂNCIA	52
3.2 DISCIPLINA	56
3.3- AUTONOMIA	60
3.3.1- AUTONOMIA EM KANT E ADORNO.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Creio não ter iniciado minhas leituras em Adorno por sua obra mais acessível- Teoria Estética. O que me levou a tentar compreender sua visão da estética foi o fato de sempre ter trabalhado com arte, em particular, com filmes. A princípio, sua crítica ferrenha ao cinema gerou indignação. Mas, com o decorrer da leitura, e com as observações em meu ambiente de trabalho, passei a ver que seu pensamento crítico era extremamente atual. As pessoas queriam assistir “a um filme para descansar a cabeça”, não importando o seu conteúdo. Bastava, tão somente, que o filme os impedisse de pensar.

Ler Adorno, para mim, não foi e continua não sendo tarefa fácil. Muitas vezes parece que seu pensamento dá inúmeras voltas para retomar ao início. Sua forma de escrever, saltando abruptamente de um tema a outro, ou seus aforismos, por vezes, me desnortearam.

Passei também a perceber que os estudiosos de sua obra têm, em geral, uma queda pela arte. Isso me fez sentir que eu também poderia, se me dedicasse a estudá-lo, compreender, ao menos parte, o seu pensamento.

Aprofundi-me nas leituras e constatei que a visão que muitos consideram negativa em Adorno, é uma visão realística. Seu amplo conhecimento sobre filosofia, música, literatura, pintura causaram-me um ponta de ciúmes. Como pode um homem dominar tantos assuntos com tanta profundidade? Como é capaz de ir ao âmago de cada obra?

Uma frase no início da *Teoria Estética* fez e continua fazendo parte da maioria dos trabalhos que escrevo sobre Adorno. “A arte não é para os brancos”. No início, eu o acusei de elitista, mas, no decorrer das leituras de algumas de suas obras, está implícito que se quisermos alcançar um nível de conhecimento para apreciar a arte e a filosofia, devemos nos educar. A educação, mesmo não constando em uma obra específica, está explícita em todos os seus escritos. É na educação e através dela que nos tornamos seres autônomos. Mas, para que isto ocorra, há a necessidade de nos educarmos continuamente, pois, em seu pensamento, não cabe a estática.

O tema da autonomia e disciplina foi um crescente de dúvidas e observações que me ocorreram ao longo do tempo - da época de aluna, da época de professora primária, do período que meus filhos freqüentaram a escola e no momento atual quando voltei a ministrar algumas oficinas em escolas não formais.

A disciplina sempre foi um elemento chave para que, a meu ver, o processo educacional se desenvolvesse de forma saudável, mas, ao longo do tempo, o que percebi foi que, do extremo de autoridade, passamos ao extremo da espontaneidade.

Autores como Rousseau¹, Kant e Adorno trataram desse tema com muita propriedade. E todos eles atrelaram a conquista da autonomia à disciplina desde a primeira infância. De formas diferentes, cada um a seu tempo, mas com o mesmo objetivo.

As perguntas que levanto são: houve mudanças significativas no processo educacional com a mudança da perspectiva da disciplina? Estão hoje as crianças mais autônomas, por participarem mais ativamente do processo educacional ou este processo propiciou ambiente para que as crianças permaneçam na heteronomia? A autoridade se faz necessária no processo educativo? Que tipo de autoridade? Como a disciplina contribui para o crescimento do indivíduo de forma saudável e o torna um sujeito apto a contribuir com uma sociedade democrática?

As idéias de Kant e Adorno sobre a educação, disciplina e autonomia são válidas numa sociedade onde os indivíduos relativizam as regras? Até que ponto educamos para a autonomia? Onde Kant e Adorno confluem e onde se diferem seus pensamentos sobre a educação?

Não vou responder diretamente essas perguntas, embora isso fosse indispensável. Ao invés, vou concentrar minha investigação no conceito de disciplina e autonomia em Adorno. Como o texto sobre o qual me debruçarei (*Educação e emancipação*) deve muito a Kant, terei que fazer um pequeno regresso ao filósofo de Königsberg. Desse modo, as perguntas mais pontuais de minha investigação são: o que significam autonomia e disciplina em Kant e Adorno? Onde repousam a diferença e a afinidade destes dois conceitos nos autores referidos?

A natureza de minha pesquisa é de cunho bibliográfico e os autores trabalhados serão Adorno e Kant. Também me utilizarei de comentadores para enriquecer as colocações propostas. A escolha dos textos refere-se diretamente ao problema de investigação posto. Como em filosofia método e pensamento estão profundamente entrelaçados, penso que ao escolher passagens e ao analisá-las já estarei desenvolvendo uma atividade de pensamento. Procurei esforçar-me ao máximo para dar rigor à leitura e à análise dos textos escolhidos, embora isso, considerando o nível de profundidade dos autores escolhidos, sempre foi e continua sendo uma tarefa difícil.

¹ Rousseau exerceu forte influência sobre o pensamento pedagógico de Kant e também na questão da moralidade. Para ver mais consulte Kant & a educação (DALBOSCO, 2011).

O trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro tratarei da disciplina e autonomia em Kant tomando como referências suas preleções pedagógicas reunidas na obra base *Sobre a Pedagogia (Über Pädagogik)*. Nesse capítulo farei uma síntese sobre o pensamento de Kant no que concerne à educação, como desenvolve seu projeto pedagógico, quais os objetivos e pretensões acerca da educação, que, de antemão, podemos dizer que é centrada no indivíduo e na moralização.

No segundo capítulo tratarei da disciplina e autonomia em Adorno e a obra base será *Educação e Emancipação (Erziehung zur Mündigkeit)*. Nesse capítulo tentarei abordar as questões que Adorno levanta sobre a educação e os problemas e dificuldades que a formação para a autonomia encontra.

No terceiro capítulo tratarei das diferenças e afinidades eletivas entre Kant e Adorno no que concerne à disciplina e à autonomia. Tentarei elencar os aspectos que aproximam Kant e Adorno, isto é, os pontos de afinidades entre ambos e, também, os pontos que demarcam suas diferenças no que concerne à educação desde a primeira infância, disciplina e autonomia. Os autores foram colocados em oposição para resgatar o pensamento de cada um sobre os aspectos que envolvem a conquista da autonomia no processo pedagógico educativo.

1. DISCIPLINA E AUTONOMIA EM KANT

Trabalhar o conceito de autonomia pressupõe uma abordagem a Kant², pois foi um dos filósofos que tratou, com muita clareza, sobre esse tema.

Adorno, assim como Kant, considerava de extrema importância que a educação deveria se iniciar na infância. Quanto mais cedo a criança começasse a ser educada, maior a possibilidade de desenvolver uma consciência reflexiva e se tornar um ser autônomo, capaz de tomar suas próprias decisões.

A abordagem sobre a disciplina e autonomia nas preleções *Sobre a Pedagogia* de Kant é uma fonte em que Adorno³ busca subsídios para trabalhar os conceitos de autoridade e autonomia.

Adorno resgata também a proposta do Iluminismo e crê que o Esclarecimento pode ser um projeto viável e levar o sujeito à emancipação. Para ambos os filósofos a disciplina é fator fundamental para a emancipação, mas também concordam que essa condição deve ser superada para que o sujeito adquira capacidade de responder por si próprio e seus atos e tornar-se assim um sujeito autônomo. Essa é a razão pela qual inicio minha pesquisa com Kant.

Para Kant o processo pedagógico educativo, que leva à autonomia do sujeito, se realiza por etapas, sendo que a primeira delas é a física e a segunda a prática. Em ambas as fases a disciplina é fundamental para que a criança saia de seu estado de selvageria e conquiste gradualmente sua autonomia.

Dentro desse processo pedagógico educativo, a criança que é um ser que age por inclinações e caprichos, deve ser educada para que aos poucos possa agir fazendo uso da razão, comece a pensar por conta própria e, conseqüentemente, torna-se um ser autônomo. Para se alcançar este estágio – agir moral- é necessário um plano educacional no qual a disciplina é fundamental para incutir hábitos na criança que serão absorvidos como forma de agir.

2 Immanuel Kant (1724-1804) filósofo alemão, considerado por muitos o mais influente pensador da Idade moderna.

3Theodor W. Adorno- filósofo alemão (1903-1969) um dos fundadores da Escola de Frankfurt em 1924. Após longo exílio na Inglaterra e nos Estados Unidos, retornou a Alemanha em 1949. Lecionou na Universidade de Frankfurt e reorganizou o Instituto de Pesquisas sociais. É considerado um dos mais importantes críticos intelectuais do século XX.

Neste capítulo trabalharei os conceitos de disciplina e autonomia em Kant. Em que consiste Disciplina e Autonomia em Kant? A disciplina em Kant é imprescindível para que o indivíduo seja um ser autônomo?

Antes de abordar essas questões, faz-se necessário uma breve rememoração do conceito de disciplina no decorrer da história. A partir do Século XVII já havia iniciado um movimento para que a disciplina tivesse um peso maior na educação das crianças e dos jovens que antes ou eram incorporados a grupos de jovens mais velhos, que formavam confrarias ou eram confiados à outra família que se encarregaria de seus estudos. De ambas as formas, eram submetidos a regras por vezes brutais. ⁴

Os educadores que reivindicavam mudanças acreditavam que às escolas cabia o importante papel, não só de transmitir conhecimentos, mas também deviam inculcar valores e virtudes, mesmo que para tanto fosse necessário usar de meios que incluíam a punição física.

A partir do século XVIII o conceito de infância começou a tomar outro sentido. A criança não mais era vista como um ser fraco e servil, que podia ser castigada e humilhada para ser educada.

O processo de educar a criança era de responsabilidade do adulto, mas este não poderia fazer uso do castigo físico, como forma de disciplinar a criança; deveria sim despertar na mesma o senso de responsabilidade, dignidade e moralidade. Essa concepção não foi de imediato aceita por todos, sendo um processo que se instaurou progressivamente e só alcançou sua plenitude no século XIX.

É no livro preleções *Sobre a Pedagogia* que Kant tratou de forma detalhada esses aspectos da educação. Foram aulas proferidas na Universidade de Königsberg, ministradas no semestre de inverno de 1776-1777, no semestre de verão de 1780 e nos semestres de 1784-1785 e 1786-1787.

Ao realizar a primeira leitura em Kant- *Sobre a pedagogia*, a impressão é de que Kant é duro, rígido e coloca a disciplina como aquela que “transforma a animalidade em humanidade”, condição para que o homem se torne um ser autônomo. Essa primeira impressão se desfaz no decorrer e aprofundamento da leitura, pois fica claro que o objetivo do autor é formar cidadãos autônomos e com capacidade de discernimento ao tomar suas decisões. Mas esse é um processo que tem início desde a infância para que alcance a sua meta.

⁴ A obra “Historia Social da criança e da família” aborda a evolução da importância que a criança adquire na família e na sociedade com o passar dos anos. (ARIÈS, 1981).

Kant, à época das luzes, acreditava que o homem só alcançaria a maioria quando atingisse a capacidade de responder por si próprio e por seus atos. O uso da razão deveria nortear a vida dos homens.

Para o pleno desenvolvimento do sujeito, faz-se necessário um plano educacional que compreenda dois aspectos, o físico e o prático, que serão aqui desenvolvidos de forma separada. Iniciaremos nossa abordagem pela Educação Física.

1.1. Sobre a educação física

Kant escreve um verdadeiro manual sobre o comportamento dos bebês, os cuidados que se deve ter com eles desde a amamentação até o uso de faixas e andadores que ele abomina. Ele aborda o comportamento dos bebês e descreve como os adultos devem se portar diante de determinadas situações.⁵

Os dois aspectos principais que devem ser observados quanto à educação do corpo, a fim de desenvolver nas crianças a autonomia são: educá-las para que não sejam escravas das próprias inclinações e assim possam seguir a própria razão e; proporcionar uma educação ativa para que as próprias crianças, por meio de suas atividades, possam ir se desenvolvendo e também desenvolvendo seus conhecimentos e habilidades.

Mesmo que a princípio pareça não ter nada a ver com a disciplina, Kant ressalta que esta é a primeira fase puramente negativa e desde esse período a disciplina deve ser colocada em prática. Ele usa como exemplo o choro da criança, que quando atendida prontamente, descobre uma forma de tiranizar o adulto. Assim, os hábitos incutidos na criança devem ser saudáveis. Como os animais, o homem também deveria se habituar a dormir e a comer nos horários certos a fim de se manter saudável.

Nesta fase, a disciplina é fundamental para a educação da índole, não com o intuito de dobrá-la à vontade do adulto, mas sim para que exerçam sua liberdade sem ofender aos demais. Para Kant “Nada há de mais funesto para elas do que uma disciplina obstinada e servil, com a finalidade de dobrar a sua vontade própria.” (KANT, 1999, p 51).

A disciplina é importante também para que descubram as potencialidades de seu corpo através de jogos, brincadeiras, etc. A influência de Rousseau faz-se presente na seguinte

⁵Muito do que Kant diz em suas preleções sobre a pedagogia tem sua origem no Emilio de Rousseau. Kant tinha muito em conta esta obra rousseauiana, a qual era uma de suas obras de cabeceira. Para a influência de Rousseau no pensamento de *Kant ver Kant & a educação* de Dalbosco (2011).

afirmação de Kant: “Entretanto, não se trata aqui de brincadeiras, mas de brincadeiras com objetivo e finalidade.” (KANT, 1999, p.67).

O que deve ser levado em conta pela educação física é que há uma teleologia natural⁶ que, por meio da liberdade concedida a todo ser racional, o impele à auto-organização das próprias forças. O educador que desrespeitar a liberdade da criança estará adestrando-a e não educando.

Desta forma, a ginástica deve ter a finalidade primeira à disciplina para levar ao pleno desenvolvimento do corpo e a graciosidade dos movimentos.

O desenvolvimento da criança não deve ser apressado, pois a teleologia natural e a liberdade encarregam-se disto. Tem que se respeitar o tempo e maturação de cada um. Por isso a missão do educador é fundamental e basta observar a natureza para ter a inspiração necessária, pois os animais também têm seu tempo. “Deste modo, uma marca da educação física consiste em seguir de perto a regularidade imposta ao ser humano pela própria natureza.” (DALBOSCO, 2011, p.112).

Kant afirma que a cultura da alma também pode ser chamada de física, pois ambas, a natureza do corpo e da alma, devem ser cultivadas para que não sejam corrompidas. “A natureza do corpo e da alma concordam no seguinte: cultivando-as deve-se procurar impedir que se corrompam mutuamente e buscar a arte que aporte algo tanto aquele como a esta.” (KANT, 1999, p.59).

A formação física da alma refere-se à natureza e à formação moral a liberdade, sendo que ambas devem ser cuidadas com o mesmo esmero. A formação pode ser física ou prática, sendo que na formação física desenvolvemos a cultura e na prática a moral.

Kant divide a cultura física do espírito em cultura livre e cultura escolástica. A cultura livre é como um divertimento; a escolástica deve ser como uma obrigação ao aluno. Dessa forma, a criança aprende que a diversão é um fim por si mesma; já a escolástica é aquela que faz com que a criança aprenda a trabalhar, aprenda a se ocupar com coisas sérias tendo em vista seu ingresso futuro na sociedade. “O homem é o único animal obrigado a trabalhar.” (KANT, 1999, p.61).

O trabalho traz responsabilidades, necessidades, submissão ao outro, obrigações, mas, ao mesmo tempo, o homem se realiza e o repousar é mais gratificante após o trabalho. O local

⁶ A teleologia é a teoria das causas finais que têm em vista o conhecimento da finalidade, encarada de modo abstrato, pela consideração dos seres, quanto ao fim a que se destinam. Segundo Dalbosco “a teleologia natural, que constitui e orienta todo o organismo vivo, empurrando-o progressivamente para a realização completa de seus fins, isto é, de suas disposições naturais, obviamente, aqui neste mundo.” (DALBOSCO, 2011).

mais adequado para a criança aprender a importância do trabalho é a escola, sendo esta um ambiente importante para a formação da criança.

As distrações não devem ser toleradas na escola, para tanto a disciplina se faz necessária para que a criança aprenda a cultivar a memória. Para tudo deve haver regras, mas estas devem ser abstraídas para que o entendimento não se realize de forma mecânica, isto é, apenas na memorização, mas sim com consciência e entendimento. O desenvolvimento do raciocínio da criança deve ser guiado pelo exercício de construção de regras e não apenas pela memorização das mesmas.

Kant considera o cultivo da memória necessário, já que o entendimento não acontece senão após impressões sensíveis, e cabe à memória guardá-las. No entanto, uma cultura fundada exclusivamente na memória é superficial, pois forma pessoas que não podem produzir por si mesmas algo razoável, constituindo-se como Kant fala, metaforicamente, "burros de carga do Parnaso" (KANT, 1999, p.63). É deformada porque aniquila o julgamento, pois memorizar não torna capaz de usar a razão para discernir entre o geral e o particular. "Deve-se cultivar desde logo a memória, procurando cultivar na mesma medida a inteligência." (KANT, 1999, p.65). Neste ponto podemos notar a crítica de Kant ao ensino da época, que privilegiava apenas a memorização dos estudos, apesar dele também dar valor à memorização.

Kant apresenta então uma síntese do fim global da educação e qual o modo de alcançá-lo. Tal síntese aparece por meio das seguintes proposições: a) Cultura geral da índole - que pode ser física, onde tudo depende da disciplina; aí a criança não precisa conhecer nenhuma máxima, simplesmente obedecer. É a cultura passiva; b) moral, que se fundamenta em máximas. O aluno deve agir segundo máximas, que faça o bem não por hábito, mas porque é o bem em si. A cultura moral deve fundar-se em máximas e não mais sobre a disciplina. A disciplina já deve estar de tal forma absorvida pelas crianças que nem se faz notar. O agir nesta fase é de responsabilidade da criança. Segundo Kant "por isso a cultura moral requer muitos conhecimentos por parte dos pais e mestres." (KANT, 1999, p.75).

Neste caso, o comportamento como a mentira, por exemplo, são abominados e a criança deve ser punida. Mentir promove o rebaixamento da dignidade humana. Não se deve fazer uso do castigo físico, mas sim do constrangimento, de tal forma que ela se sinta desprezada e envergonhada. Isso contribuirá para que mais tarde, quando ingresse na sociedade, possa fazer o bem sem esperar recompensas, ou o mal se assim decidir. Outro comportamento que deve ser corrigido é a desobediência. A punição pode ser física ou moral. Moral é tratá-la com desprezo ao invés de castigar fisicamente, pois ao usar deste artifício

“não se consegue mais formar um bom caráter.” (KANT, 1999, p.80). Apesar de que isso se aplica ao adolescente. As formas de obediência da criança e do adolescente são diferentes. A criança obedece às regras, submete-se ao dever e por este motivo, na criança que ainda não tem reflexão, o castigo físico pode ser aplicado com muita cautela.

Cultura particular da índole é o desenvolvimento da inteligência, dos sentidos, da imaginação, da memória e da espirituosidade.

Kant diferencia a disciplina da moralidade dizendo que: “A moralidade é algo tão sublime que não se deve rebaixá-la, nem igualá-la à disciplina.” (KANT, 1999, p.76).

Isto é, a criança começa obedecendo às leis e às regras, sendo disciplinada, mas quando seu caráter está formado, ela deve agir segundo máximas e não por obediência às regras às quais foi submetida através da disciplina.

A disciplina tem sua utilidade para que a criança crie suas próprias regras e as siga como horário para dormir, estudar, comer, mesmo que aos olhos de outros seja criticada e taxada de meticulosa. Esses hábitos, como o de seguir os horários, são condição para, posteriormente, seguir suas próprias regras.

Outro traço da formação do caráter é a sociabilidade. Ela envolve a disposição de sempre entender e se colocar na posição do outro. É bom lembrarmos que autonomia não é auto-suficiência. A criança deve manter relações de amizade e não viver isoladamente.

1.2. Sobre a Educação prática

A educação prática ou moral é aquela que conduz à liberdade. Ela tem por objetivo a educação de um ser livre que pode bastar-se a si mesmo, ser membro da sociedade e ter valor intrínseco. A educação prática é a forma de viver e agir em sociedade, através da formação da criança o que permite que, na fase adulta, possa agir de acordo com a lei moral e, assim, possa ser autônomo. O homem deve ser formado para poder ser livre. A subordinação da educação à moralidade, promovida por Kant, insere-a no núcleo de sua filosofia prática.

À educação prática compete:

- 1-a habilidade,
- 2-a prudência,
- 3-a moralidade.

Segundo a habilidade proposta, não se deve mostrar conhecer algo que não possa ser capaz de traduzir em ações. A habilidade compõe o caráter do homem, sendo seu elemento essencial.

A prudência, segundo Kant é a “arte da aparência; é o decoro e é preciso ter essa arte”. (KANT, 1999, p.85). A prudência consiste em não deixar transparecer seu estado interior, saber ouvir e ter paciência com os outros. Se necessário, deve-se ser enérgico sem ser rude ou violento. Como afirma Kant “... é a arte de aplicar aos homens nossa habilidade.” (KANT, 1999, p.85).

A moralidade diz respeito ao caráter do homem. É o homem que aprendeu a controlar as paixões e possui uma sábia moderação. A consolidação do caráter é a parte principal na formação do homem. É o homem que cumpre com sua palavra, que toma decisões e as leva a cabo; que faz “propósitos” e os cumpre mesmo mediante situações adversas. Como afirma Eidam:

Por moralização compreende Kant, finalmente, o fim mais alto da educação: cuidar para que as crianças formem uma atitude moral, que conduzam sua própria maneira de pensar e agir por meio de fins que também são moralmente aprovados. (EIDAM, 2009, p.78-79).

É através do comportamento dos adultos que as crianças melhor aprendem. São os exemplos e o cumprimento das regras e não apenas o discurso suficiente para educá-las e fazê-las cumprir com suas regras e deveres.

Os deveres consistem em obrigações para consigo mesmo, isto é, que a dignidade humana seja preservada na própria pessoa do homem. O homem vale por aquilo que é e não pelo que ostenta (roupas, jóias, banquetes). É dever do homem não renegar a dignidade interior, a qual o faz a criatura mais nobre entre todas. Por essa razão, para Kant, a mentira é aviltante e torna o homem um ser desprezível.

Também há os deveres para com os demais, os quais compreendem o respeito e atenção para com todos, em especial, com pessoas pobres, mendigos e respeito aos direitos humanos, no sentido de que todos tenham os mesmos direitos.

Kant aborda ainda diversos aspectos sobre questões de como as crianças deveriam ser educadas na honestidade, mas falta, segundo ele, um catecismo do direito que deveria conter regras de conduta. Nesse sentido, perguntas como: “isso é justo ou injusto? É permitido mentir por necessidade?” precisam ser respondidas e ter suas justificativas claramente

explicadas, pois na educação das crianças os bons princípios devem ser compreendidos e aceitos.

Kant também aborda a questão da religião, pois para ele “Se a religião não vem acompanhada pela consciência moral, permanece ineficaz” (KANT, 1999, p.100) De nada adianta ir à igreja, participar dos ritos, dos cânticos e não ser coerente nas ações realizadas. “A lei, considerada em nós, se chama consciência. A consciência é de fato a referência de nossas ações a essa lei”. (KANT, 1999, p.99). Ir à igreja ou dizer-se religioso deve vir acompanhado de atos conscientes, atos morais.

A educação religiosa para a criança deve fazê-la compreender que todos os animais são criações de Deus e é seu dever não ser cruel e destrutiva com nenhum deles. (KANT, 1999, p.101).

Outro aspecto discutido são as questões da sexualidade, que se manifestam de forma diferente na criança e no adolescente. Para as crianças respostas simples satisfazem sua curiosidade, já para os adolescentes é necessário falar de forma séria e convincente para que aprendam a controlar suas inclinações.

Segundo Kant, outra observação que o adolescente faz ao entrar na sociedade é sobre as desigualdades e deve ser explicado que a desigualdade entre os homens se dá devido a diversas circunstâncias, mas que o respeito à dignidade humana deve ser igual para com todos.

Os sentimentos cosmopolitas devem ser exaltados, isto é, o jovem deve ser preparado para ser cidadão do mundo.

Podemos afirmar que para Kant o homem, como ser animal, tem o dever de sair desta condição da natureza e chegar à humanidade. Para tanto, deve desenvolver ao máximo suas potencialidades; assim a disciplina é imprescindível para que o homem se torne um ser educado e um ser moral. Somente com a assimilação das máximas é que o homem se afasta de sua condição de animalidade e atinge a humanização.

Dentro da disciplina, a obediência é essencial na formação do caráter da criança, mas não se justifica por si mesma, ela é necessária na medida em que prepara a inserção da criança no mundo da razão, pois é através dela que a criança se submete à vontade do adulto que tem por meta torná-la naquilo que pode ser, isto é, um ser autônomo.

A obediência possui um duplo aspecto, ela pode ser obediência absoluta ou obediência reconhecida como boa e razoável. A primeira procede da autoridade e é importante para que a criança aprenda o respeito às leis que deverá seguir como cidadão. Mas, a mais importante, é o segundo tipo de obediência que é a voluntária que vem da confiança depositada nos seus

mestres, sendo que estes devem ser coerentes na aplicação das regras para que a criança não se sinta preterida por outrem. Para Kant as duas disciplinas são de igual importância, sem disciplina –coação- absoluta ao sujeito não vai ter capacidade de impor-se uma lei a si mesmo.

Podemos sintetizar o pensamento de Kant da seguinte forma: A educação é necessária para tirar o homem de seu estado de natureza. Contudo, faz-se necessário o uso da disciplina e de regras que são absorvidas gradualmente, pois somente por meio de seu emprego inicial na educação da criança é que o homem pode se tornar um ser autônomo e livre.

1.3. Disciplina

O que é disciplina? É o domínio da índole, é o que permite que o sujeito tenha um corpo saudável, adquira cultura e moralidade. É o que faz com que o sujeito aprenda a controlar seus impulsos, impressões e o faça assimilar o princípio do agir moral. Agir de forma que sua ação torne-se uma ação universal.

A influência que a obra de Rousseau, em particular Emilio primeiro e segundo livros, exerceu no pensamento pedagógico de Kant fica clara nas preleções *Sobre a Pedagogia*, onde ele se debruça sobre a questão da educação de forma profunda e detalhada. Para ele, a educação precisa fazer uso da disciplina para que o sujeito atinja a autonomia. Kant define a disciplina como segue:

A disciplina é o que impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais. Ela deve, por exemplo, contê-lo, de modo que não se lance ao perigo como um animal feroz, ou como um estúpido. (KANT, 1999, p.12).

O fato é que o homem precisa ser educado, mas como nasce sem a capacidade de fazê-lo por si próprio, necessita de outrem para assumir esta tarefa e auxiliá-lo no seu desenvolvimento, sendo necessário o uso da disciplina para colocar regras a serem obedecidas até o seu pleno amadurecimento.

A maioria⁷ tem dois significados, sendo que dizemos que alguém é menor de idade quando não pode responder juridicamente pelos seus atos, mas o significado de maioria aqui é o do indivíduo que é capaz de romper com a preguiça mental e a covardia pessoal e tomar suas próprias decisões, mas este é um processo que depende da condução do educador. Este deve planejar pedagogicamente e orientar o aluno para que este tenha sua própria voz que é alcançada através do enfrentamento da preguiça e da covardia às quais cada um está sujeito.

Neste processo de superação do estado de menoridade, a disciplina é necessária, pois ela tira o indivíduo da letargia em que vive e o faz seguir regras, impondo-se leis e assim sair do estado de menoridade e se tornar um sujeito autônomo. Dessa forma, torna-se possível “uma forma de vida social, política e moral mais apropriada à condição humana.” (DALBOSCO, 2011, p.79)

Para que a maioria seja alcançada é necessário que desde a mais tenra idade o homem receba cuidados. Inicialmente, a preocupação é a de zelar pela sua segurança física, para que nenhum mal lhe ocorra. Mas já neste período Kant alerta para que “... é conveniente recorrer cedo à disciplina, pois de outro modo, seria muito difícil mudar depois o homem.” (KANT, 1999, p.13). Nesta passagem Kant retoma Rousseau⁸ para lembrar que a criança não deve ser atendida de imediato em todas as suas vontades, porque essas podem virar um capricho e o uso dessa estratégia, no caso o choro, pode escravizar os pais ou aqueles que a têm sob cuidados.

Desta forma, disciplinar a criança é necessário e fundamental para que seja educada. Mas, para tanto, desde a mais tenra infância a criança deve ser preparada para tornar-se um ser livre e autônomo e a disciplina exerce papel fundamental neste processo, como deixa claro na seguinte passagem:

A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir as próprias forças das leis. Mas isso deve acontecer bem cedo. Assim as crianças são mandadas cedo a escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente aquilo que lhes é mandado,

⁷ Neste sentido destaca Hoyer que: “Com a reivindicação da liberdade social e intelectual-moral (Maioridade) articulavam-se, de mãos dadas, as demandas pela formação geral do entendimento e por um sistema de formação capaz de satisfazê-las.” (HOYER, 2005, p.34). O autor acrescenta que: A maioria política segundo Hoyer “[...] em inglês, majority; em francês, majorité[...]” (HOYER, 2005, p.25). Já a maioria no sentido que tratamos aqui segundo Hoyer: “[...] em inglês, maturity; em francês, maturité [...]” (HOYER, 2005, p.25).

⁸ Segundo Rousseau “Os primeiros choros das crianças são solicitações: se não tomamos cuidado, logo se tornam ordens; começam pedindo assistência, acabam fazendo-se servir.” (ROUSSEAU, 1979).

a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos. (KANT, 1999, p.13).

À primeira vista, essa afirmação parece ser dura e autoritária e a imagem a que nos remete, de crianças sentadas comportadamente e em silêncio, parece ser impossível. Mas Kant tem um objetivo ao propor essa atitude, a saber, que as crianças aprendam desde cedo seu lugar, seu espaço e o lugar e o espaço do outro. Esta lição é aprendida pela criança, segundo ele, porque o homem é um ser que tem arraigado dentro de si a liberdade. Esta submissão da criança a regras tão rígidas tem por finalidade fazer com que conviva em sociedade, respeitando as regras e o espaço do outro.

Para Kant, segundo Dalbosco, é o antagonismo que faz com que haja ordenação na natureza, e cada espécie tem que lutar pela sua sobrevivência e se adaptar às mudanças. Como o homem é dotado de racionalidade, ele aprende a fazer uso de suas disposições naturais tornando-as objeto de sua ação.

O fato de ele ter que conviver com outros, faz com que o homem lute para se sobressair. É a tensão que nos faz competir, buscar ser superior e é isso que forma a sociedade. É a insociável sociabilidade definida por Dalbosco da seguinte forma:

O antagonismo que permeia a insociabilidade insociável caracteriza-se pelo fato de que o homem é impelido, por um lado, a constituir o “laço social”, isto é, a se associar com outros homens e, por outro, a colocar tanto suas disposições naturais como aquelas oriundas da sociedade a serviço de seus interesses pessoais e egoístas. Em outros termos, a insociável sociabilidade denota o fato de que sem a presença do outro, o homem não poderia viver em sociedade e desenvolver as próprias disposições, mas, ao ter o outro diante de si, possui a propensão de usá-lo para seus fins privados e egoístas. (DALBOSCO, 2011, p.87).

Isto faz com que seja necessário constituir regras para que seja possível viver e conviver em sociedade e para evitar que a propensão ao mal predomine no homem.

Na primeira infância, a criança vive a heteronomia, isto é, nesta fase a criança se sujeita à vontade de terceiros ou da coletividade, obedece a ordens e regras, por isto afirma-se que a disciplina é puramente negativa. Como afirma Kant: “A disciplina é puramente negativa porque é o tratamento através do qual se tira o homem a sua selvageria.” (KANT, 1999, p.12-13). É a disciplina que impede que o homem faça aquilo que lhe der vontade sem nenhuma restrição; ela se inicia com a contenção dos atos de selvageria natural a que está exposto o

homem assim como o animal. É a disciplina que o torna diferente do animal. Somente com o uso da disciplina é que a criança aprende a respeitar o espaço do outro. Nenhum outro animal necessita de tantos cuidados como o homem para aprender a viver em seu espaço. Ela também é necessária para que o homem receba formação e instrução.

Para chegar à educação e levar a criança a ser capaz de decidir por si mesma, a disciplina é imprescindível.

O educando pode ser ajudado ou motivado por alguém, mas cabe apenas a ele a decisão de sair da condição de minoridade, pois tem as disposições naturais suficientes para empreender o caminho da maioridade, o *sapere aude*.⁹

Porém este caminho não pode ser percorrido sozinho, pois a educação da criança exige que um adulto a conduza. A saída da minoridade para a maioridade é a construção deste caminho feito entre seres frágeis, mas que tem as disposições naturais para reagir.

É necessário para que a educação se realize que os mestres, os pais ou aquele responsável por sua educação tenha recebido formação adequada, pois “falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos.” (KANT, 1999, p.15).

É certo que se o mestre não é um homem educado não pode formar homens educados. E este processo educativo se perpetua na continuidade, isto é, de uma geração a outra. Kant afirma “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação faz dele.” (KANT, 1999, p.15).

Kant vê a falta de disciplina como um mal muito mais grave ao homem do que a falta de cultura. A cultura pode ser adquirida mais tarde, mas a disciplina não. O estado de selvageria não poderá ser corrigido.

Dessa forma, o processo que Kant defende fica prejudicado, pois a meta é formar cidadãos autônomos e, em consequência, uma sociedade mais justa e equilibrada. Isto não significa que todos os homens sejam iguais, a diversidade que existe faz com que seja necessário que os homens ajam segundo os mesmos princípios (imperativos) e isso só será possível através da educação, que é aperfeiçoada e transmitida de geração em geração e tem por finalidade desenvolver no homem suas disposições naturais para o bem, para produzir em si a moralidade.

Deste modo, quanto mais cedo a criança for submetida à disciplina, mais cedo se transformará em um ser livre, passará a pensar por si mesma e se tornará um ser moral.

⁹⁰ lema *sapere aude* é atribuído ao poeta romano Horácio e é retomado por Kant na época do Iluminismo.

1.4. Tipos de educação e disciplina

A condução desse processo educativo não é tarefa fácil. Segundo Kant: “A educação, portanto, é o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens.” (KANT, 1999, p.20). Para ele, a educação pode dar-se de duas formas: mecânica e raciocinada. A educação mecânica, em alguns casos, pode ser útil, como para aprender uma profissão, como exemplo, a marcenaria. Mas a educação deve ser sempre raciocinada para que o homem desenvolva plenamente suas disposições (capacidades).

Segundo Kant, para que esse processo ocorra de maneira adequada, é necessário que o sujeito seja, portanto, na educação:

- 1- disciplinado;
- 2- para poder tornar-se culto;
- 3- tornar-se prudente;
- 4- cuidar da moralização

A disciplina é o primeiro passo para que as outras virtudes possam se desenvolver. Ela tem a função de tirar o homem da selvageria, isto é, tirá-lo da animalidade e fazer com que aprenda a domar suas paixões.

A cultura abrange a instrução e vários outros conhecimentos, o ler, o escrever que são úteis, mas compreende também o desenvolvimento de habilidades como aprender a música, por exemplo. Isso implica no fato do educador ter que desenvolver um caminho que leve a criança a desenvolver primeiramente suas intuições sensíveis e progressivamente atingir formas abstratas de pensar.

A prudência compreende o fato de que o homem deve saber seu lugar na sociedade, relacione-se bem com os outros, seja gentil e cortês tomando cuidado para respeitar os costumes da época e do lugar. Ela é a arte da representação, de parecer.

A moralização deve levar o homem a escolher os bons fins, isto é, aqueles que são bons para todos, não apenas para si próprio.

A educação pode ser realizada de diversas maneiras, mas o mais importante de todos, e que geralmente é descuidado é a educação para a moralidade que deveria ser a essencial. (KANT, 1999, p.27).

Para Kant, a educação para a moralidade deveria ser a principal meta da educação, que deve ser baseada nas máximas.¹⁰ Para ele, “Vivemos numa época de disciplina, de cultura, de civilização, mas ela ainda não é a verdadeira moralidade.” (KANT, 1999, p.28).

Vale ressaltar que é na época das “luzes”, do Iluminismo, onde se tem como prioridade o conhecimento e o uso da razão. Tal época não traz felicidade aos homens, segundo Kant, se estes não são seres morais e sábios. Estas virtudes só podem ser desenvolvidas através de uma educação que abranja os cuidados e a formação. A formação apresenta dois aspectos – o negativo, que tem por finalidade controlar os defeitos e o positivo, que leva ao direcionamento e à instrução e, conseqüentemente, à cultura.

O aspecto negativo da educação compreende o primeiro período para o educando.¹¹ É aquele em que deve sujeitar-se às normas, obedecer às regras. Já a segunda fase ou período é aquele em que o educando pode usar de sua reflexão e fazer uso de sua liberdade desde que observe as regras até que progressivamente seja capaz de fazer uso de sua própria reflexão. A estas duas fases Kant denomina de física e prática ou moral, respectivamente, sobre o que vou tratar mais à frente.

A educação pode ser pública ou privada. A educação privada é a que se recebe em casa; a educação pública é a que se recebe na escola.¹² Quando ocorre da educação ser delegada à escola o que pode acontecer é de “dividir a autoridade entre os pais e esses governantes.” (KANT, 1999, p.31). Neste caso, os pais devem abrir mão de sua autoridade e a delegar aos preceptores. Cria-se, com isto, o questionamento sobre se a educação deve ser pública ou privada, sendo que o risco que se corre é o de que a educação doméstica acentue os defeitos de caráter e não desenvolva as habilidades do homem. Assim ela deve ser delegada a preceptores competentes ou à escola. Outra vantagem que a educação pública tem é a de que a

10 Kant faz algumas diferentes formulações do seu imperativo moral: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.”(KANT, 1995, p.59) “Age como se a máxima de tua acção se devesse tornar, pela tua vontade, em lei universal da natureza.” (KANT, 1995, p.59). “Age de tal maneira que use a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio.”(KANT, 1995, p.69). “Age segundo máximas que possam simultaneamente ter-se a si mesmas por objeto como leis universais da natureza. Assim fica constituída a fórmula de uma vontade absolutamente boa.”(KANT, 1995, p.81).

11 Mais uma vez vê-se aqui a forte influência de Rousseau no pensamento pedagógico de Kant. Para Rousseau, a educação natural deveria ser antes de tudo negativa, isto é, devia se ocupar mais em proteger a criança contra os vícios do que ensinar a virtude. Sobre isso ver Dalbosco (2011a).

12 Sobre a abordagem da educação pública e privada em Kant, diz Eidam que: “Kant escreveu isso em referência à educação privada e ao financiamento privado da formação e da instrução dos filhos de príncipes que, outrora, eram crianças aristocráticas oriundas de famílias ricas. Hoje a pergunta pelo relacionamento ou pela alternativa entre educação privada e pública atinge outra dimensão.” (Eidam, 2009, p. 206).

criança aprende a conhecer suas forças e seus limites, pois os demais alunos também querem ter seu espaço.

A sujeição é positiva quando possibilita que futuramente a criança adote regras próprias para a condução de sua vida sem questionar as ordens dadas pelos adultos. Essa sujeição torna-se negativa quando a criança obedece por interesse.

O grande problema da educação é conciliar a submissão ao constrangimento das leis com o exercício da liberdade. Mas esse constrangimento é necessário, pois ao exercer sua liberdade ela é submetida a outros que podem questionar seus atos. Assim, o educando aprenderá a conviver em sociedade tomando consciência do quão difícil é suportar as privações para se tornar independente e também o quanto é difícil bastar-se a si mesmo.

De acordo com Kant, para preparar o educando a essa situação, é necessário respeitar as seguintes regras, as quais reconstruo livremente:¹³

- dar liberdade à criança desde a primeira infância, atentando apenas para que não ponha em risco sua segurança e também para que não incomode aos outros com seus gritos;

- a criança deve saber, isto é, tomar conhecimento de que só conseguirá o que deseja se os outros também conseguirem o que querem;

- é preciso provar que o constrangimento que lhe é imposto tem por finalidade ensinar a usar de sua liberdade. É preciso que ela compreenda que está sendo educada para ser livre um dia e não mais precisar dos cuidados dos outros.

A educação física e a educação prática devem ser desenvolvidas concomitantemente, pois, segundo Kant, “mostrar-se hábil, prudente, paciente, sem astúcia como um adulto, durante a infância, vale tão pouco como a sensibilidade infantil na idade madura.” (KANT, 1999, p.36). Assim sendo, podemos dizer que a educação física deve ser desenvolvida conjuntamente com a prática, sendo condição para a moralidade.

O sujeito torna-se um ser moral através da autonomia, da liberdade. Só é um ser livre quem tem a capacidade de se impor uma lei moral, um imperativo; só é livre quem pode escolher.

Portanto, para Kant, a disciplina não é oposta à autonomia, mas sim imprescindível para que o homem aprenda a domar suas paixões, guiar sua vontade pela razão e assim ser autônomo.

Para a continuidade de minha investigação torna-se oportuno encerrar a exposição deste capítulo com uma citação de Eidam: “Vou me reportar a Kant e Adorno porque ambos,

¹³ Para ver o original consultar (KANT, 1999, p.33).

embora tenham teorias tão divergentes, estão plenamente de acordo no ponto central da exigência de uma educação para a maioria.” (EIDAM, 2009, p.57).

No próximo capítulo tratarei da disciplina e autonomia em Adorno. A fonte básica a ser utilizada será *Educação e Emancipação*.

2. DISCIPLINA E AUTONOMIA EM ADORNO

Neste capítulo vou trabalhar os conceitos de disciplina e autonomia em Adorno. São conceitos que mesmo distintos entre si não têm sentido isolados um do outro. É típico de Adorno, filósofo dialético, engendrar conceitos de forma que um necessite do outro para se atingir o objetivo almejado, isto é, engendrar autoridade e disciplina para se formar um indivíduo autônomo.

O livro base para a pesquisa é *Educação e Emancipação (Erziehung zur Mündigkeit)*¹⁴ e o tema a ser abordado é a disciplina e autonomia.

Para Adorno, a presença da autoridade que leva à disciplina deve, aos poucos, ser superada. Para ele, as pessoas que querem lutar pela busca da autonomia conseguem superar esta autoridade e se relacionar de modo equilibrado na relação professor-aluno. Somente quando houver este tipo de relação é que a pessoa torna-se autônoma.

2.1 Educação e infância

Para Adorno, a ciência e a pedagogia deveriam se deter mais na questão disciplinar, para que esta não seja voltada à disciplina rígida que só faz com que a criança aprenda a ser dura, reprimir emoções e a não sentir medo. Comentando sobre a educação baseada na disciplina severa, Adorno diz: "Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros." (ADORNO, 1995, p.128).

Segundo Pucci: "Na elaboração da proposta de desbarbarização da educação, Adorno começa denunciando os caminhos que não se deve seguir. Critica inicialmente a educação pela dureza como errada." (PUCCI, s.d., p.15). Fica claro que o endurecimento na educação leva ao temor e à dor e é necessário conscientizar que esses caminhos não levam à formação, à humanização.

¹⁴ Adorno proferiu palestras e concedeu entrevistas radiofônicas sobre educação, ou, segundo Maar, problemas da pedagogia prática. Ele teve como debatedor nas entrevistas Hellmut Becker e apresentou sugestões para resolver os problemas abordados. Foram quatro conferências e quatro conversas com Becker que foram transcritas conforme as gravações que ocorreram entre 1959 e 1969, sendo os programas produzidos em parceria com a Divisão de Educação e Cultura do Estado de Hessen. Nesta emissora de rádio Adorno fez-se presente várias vezes refletindo e debatendo sobre música, outro objeto de seus estudos.

A severidade defendida na prática escolar, a educação baseada na coação e força e voltada à disciplina era defendida com fervor pelos nazistas. A disciplina seria necessária para construir o homem adequado ao regime totalitário. Este homem educado com rigor e violência torna-se insensível à dor do outro e a sua própria.

As crianças educadas neste regime autoritário aprendem a reprimir o medo e a não demonstrá-lo e isso não é saudável para a formação psicológica da criança. Por esta razão é necessário destacar o papel da afetividade no desenvolvimento moral da criança e sua importância na sociabilização nas diversas fases de seu crescimento. Aquele que reprimiu o medo e foi formado de modo a não permitir que seus sentimentos fossem conhecidos, não expressados, também agirão, da mesma forma, quando passarem de educandos para educadores. Segundo Adorno, “[...] desde o início, na primeira educação infantil, o processo de conscientização se desenvolve paralelamente ao processo de promoção da espontaneidade.” (ADORNO, 1995, p.147). É na primeira infância que a criança desenvolve seu caráter, se tem suas perguntas respondidas a contento, não terá motivos para reprimir suas dúvidas sobre os mais diversos assuntos. Se o adulto (pai, professor) responde adequadamente estará incentivando a criança a continuar sua busca pelo saber, pelo novo; sua curiosidade pelo que se descortina a seus olhos decorrerá num processo saudável.

A pedagogia deveria assumir, ao invés de criticar, a tarefa de reeducar e reeducar-se, e, para que isto ocorra, é necessário a elaboração do passado, o esclarecimento para que haja o reforço da autoconsciência e fortalecimento do eu. A educação existe porque existem crianças e não o contrário (EIDAM, 2009, p.71). Mas isso só será possível com a ação dos pedagogos e psicólogos.

Para Adorno, a disciplina, apesar de ainda estar condicionada ao conceito tradicional que apregoa a severidade, deve ser desde a primeira infância, o fator que cria um clima espiritual, cultural e social.

Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição (...) (ADORNO, 1995, p.123).

Num primeiro momento vou tratar da educação infantil e, posteriormente, do esclarecimento.

2.2. Educação infantil

É de extrema importância que a educação deve se iniciar na infância. Quanto mais cedo a criança for educada, menos chance de se tornar um ser alienado. Além disso, também contribuiria para a constituição de uma consciência reflexiva e menos propensa à manipulação.

Os estudos da psicologia já comprovaram que esta formação inicia-se na primeira infância, portanto, faz-se necessário que a educação invista e se foque de modo especial nesta fase. Desde os estudos de Freud, seguindo mais recentemente com Winnicott e atualmente com Honneth e outros, à primeira infância tem sido atribuído o papel fundamental no desenvolvimento de uma personalidade saudável, consistente e apta a enfrentar os desafios que advirão no futuro.

É na infância que se formam as memórias que se tornam relevantes na idade adulta. As sensações despertadas pelo afeto recebido na primeira infância podem voltar à consciência, pois a descarga de energia foi agradável e quando retornam à consciência contribuem para a formação de uma personalidade saudável. Uma criança bem formada é capaz de lidar melhor com novas situações. As primeiras relações desde mãe/bebê, os cuidados e o afeto que a criança recebe serão fundamentais para a formação do caráter.

A educação na concepção de Adorno tem o papel de produzir uma consciência verdadeira; ele se mostra favorável à presença da autoridade nos processos sociabilizadores, pois, segundo argumenta, a disciplina ocupa papel central na consolidação de egos consistentes¹⁵, formando pessoas emancipadas. Assim, a educação escolar é um espaço fundamental ao controle da violência, visando formar indivíduos emancipados.

Nesse aspecto, Adorno recorre a Freud para explicar a formação do eu, mas não é o objetivo da pesquisa penetrar nesta área.

Adorno crê que a frieza substituiu o amor nas relações sociais; ele não prega o amor, no sentido de uma defesa sentimental e moralizante do amor, do amor piegas, mas defende que somente os atos tomados com mais afeto são benéficos para a formação das crianças. Assim: “Agrada pensar que a chance é tanto maior quanto menos se erra na infância, quanto melhor são tratadas as crianças”. (ADORNO, 1995, p.135).

¹⁵ Para maior esclarecimento sobre a formação de egos consistentes ver: O Ego e o ID, FREUD, Sigmund. Vol. XIX. 1974.

É nesta fase que a criança constrói sua memória futura e quanto mais carinho receber, mais consistente será sua formação. É obrigação moral dos pais e professores que a criança receba cuidados físicos e sejam respeitadas em seus direitos, desejos e interesses. Segundo Dalbosco

Fazer a criança feliz significa deixá-la viver as coisas e situações que são próprias à fase determinada de maturação biológico cognitiva na qual ela se encontra {...} A idéia central subjacente aqui consiste no fato de que a felicidade não reside só no além, na sociedade futura projetada pelo adulto, mas no próprio mundo atual da criança e, por isso, a atitude de respeito e amor do adulto é fundamental. (DALBOSCO, 2010, p.69).

É na infância que a criança começa a perceber a diferença entre ela e o adulto e aprende a obedecer regras, cria-se uma relação assimétrica mas a assimetria entre criança e o adulto (pai/professor) é essencial para a construção da autodisciplina que futuramente contribuirá para torná-lo um ser autônomo. Também é nesta fase que a criança aprende a viver no coletivo e para isto tem que aceitar as regras e se disciplinar para fazer parte do grupo. Mesmo que a disciplina seja negativa, nesta fase ela é essencial para que cada um saiba seu espaço no meio social da escola. Também é neste período que ocorre a formação do caráter do indivíduo.

Decorre então que, a criança começa a ter contato com a disciplina e regras, cujo conceito de disciplina é tratado por Adorno como portador de ambiguidade. Ao mesmo tempo remete a disciplina exercida com autoritarismo e que sujeita os alunos a situações de humilhação, castigos físicos, etc., mas ao mesmo tempo ele lembra que a disciplina é essencial para a formação do caráter da criança.

Nesse contexto, podemos dizer que a criança é submetida a regras e à autoridade de um adulto e desta forma a educação realiza-se mediante a presença necessária de uma autoridade reconhecida. Essa autoridade é, em um primeiro momento, dos pais, posteriormente, do professor, e esse processo se dá de forma amigável quando realizado de forma saudável para ambos. Estamos falando de um ponto delicado do processo educativo que é a disciplina, e é nesta perspectiva que as reflexões adornianas têm sua importância. Em linhas gerais, devemos trazer dois conceitos que abordam a questão: a presença da autoridade

necessária à formação da personalidade e a autoridade exercida com autoritarismo. Esses dois sentidos diferentes de autoridade serão tratados com maior aprofundamento mais adiante.

Como citado inicialmente, o esclarecimento geral da população seria um processo que envolveria os aspectos intelectual, cultural e social que proporcionaria uma reflexão sobre os fatos e se tornaria um obstáculo para a repetição da barbárie.

Podemos acrescentar a forma como Pucci define que: “O esclarecimento (Aufklärung) é a negação do caráter repressivo e unilateral da indústria cultural e só se realiza se conseguir resgatar suas possibilidades reflexivas e dialéticas.” (PUCCI, s.d. p.16)

Isto significa que quando a educação cumpre seu papel ela faz com que o indivíduo reflita sobre a carga de pressão a que está submetido pela indústria cultural¹⁶ e consiga fazer uma triagem sobre o que realmente importa no volume de informações e necessidades criadas pela indústria cultural. O indivíduo bem formado, que passou pelo processo de formação, que se auto-disciplinou é um indivíduo que se pode dizer esclarecido, com capacidade de discernimento e força interior para se contrapor aos apelos constantes dos meios de comunicação.

2.3. Disciplina

Podemos afirmar que existem duas formas de disciplinas: a baseada no autoritarismo e aquela que é necessária para a formação da personalidade.

A disciplina baseada no autoritarismo repousa na crença, equivocada, de que quanto mais severo for o adulto, mais respeitado ele será. Aquele que é severo com os outros também o é consigo próprio e, neste contexto, torna-se incapaz de sentir empatia com a dor em geral. Assim afirma Adorno: “Mencionei a função disciplinar. Se não me engano, com ela toco na questão central. [...] Por trás da imagem negativa do professor encontra-se o homem que castiga.” (ADORNO, 1995, p.105).

Segundo Adorno, mesmo após haver sido abolido o castigo físico das escolas, este ainda é um tabu que cerca o professor, o qual é visto como o mais forte que castiga os mais

¹⁶ O termo indústria cultural foi criado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial. O termo foi empregado pela primeira vez no capítulo O Iluminismo como mistificação das massas no ensaio Dialética do Esclarecimento, publicado em 1947. A indústria cultural idealiza produtos adaptados ao consumo das massas, assim como também pode determinar esse consumo trabalhando sobre o estado de consciência e inconsciência das pessoas. Ela pode ainda ter função no processo de acumulação de capital, reprodução ideológica de um sistema, reorientação de massas e imposição de comportamento. Para melhor compreensão do assunto ver: (Adorno & Horkheimer, 1985).

fracos, no caso, as crianças. Mesmo que sua forma de castigar seja fazendo uso de seus conhecimentos. Isso pode estar presente também entre os professores universitários que não abrem mão de sua autoridade advinda do conhecimento.

Ao professor, a sociedade delega o direito de exercer a autoridade, mesmo que faça uso de castigos físicos; contudo, a mesma sociedade nega-lhe o direito de exercício da autoridade. A sociedade liberal burguesa não aceita o uso da força física para uma formação social baseada na dominação; desta forma a violência delegada ao professor é condenada. Forma-se, com isso, um paradoxo que faz dos professores “bodes expiatórios” para os mandantes. (ADORNO, 1995, p. 106).

A mesma sociedade que delega ao professor exercer a autoridade o condena quando faz uso da mesma e assim o professor é visto como o carrasco, aquele que castiga.

Para a criança que vai à escola pela primeira vez e se defronta com o professor, como aquele que castiga, dá-se um estranhamento, pois o ambiente familiar era totalmente diferente do que aquele com a qual se depara. Quando esse processo se dá de forma saudável, a criança sente-se à vontade e, por vezes, troca os papéis de pai e professor.

Mas quando a criança é retirada da família que é protetora, calorosa e é jogada na escola de modo “chocante e ríspido” ela experimenta pela primeira vez a alienação. Sendo que o agente dessa alienação é personificado pelo professor.

A imagem que permanece no imaginário burguês é a de que o professor é aquele que castiga. A mudança da imagem criada pela criança do professor como aquele que castiga, que repreende, só ocorrerá quando houver modificações no comportamento dos professores, como por exemplo, a necessidade de conscientização e de aprendizado psicanalítico para o magistério. O professor deve ter estrutura psicológica para tratar seus alunos de forma adequada, pois a criança faz a transferência da figura paterna para o professor que se torna o seu ideal de adulto.

Adorno relata que observou durante os exames para professores que os próprios futuros professores têm aversão à profissão. Segundo ele, a carreira de professor não foi opção, mas sim falta de alternativa. Vem daí que, se os professores não vêem a carreira com respeito, não serão eles próprios jamais respeitados. Desta forma, a imagem que a criança forma é de um adulto fraco e que não merece respeito.

Também trás à tona que a divisão entre a força física e a intelectual sobreviveu através dos tempos. Aquela que não servia para ser soldado devido sua debilidade física tornava-se professor. Desta forma, justifica-se que as crianças devotam admiração pelos soldados, os quais tentam imitar, relegando ao professor o papel do fraco. A tentativa do professor de

conduzir as crianças para a rotina da escola, exigência de deveres, enfim, para a disciplina, acaba sendo visto como uma forma autoritária de exercer o poder. 17

2.4 Autoridade e autoritarismo

A autoridade se faz necessária, em especial na primeira infância, mas a autoridade “esclarecida” como lembra Adorno, isto é, aquela autoridade que se manifesta diante de situações, como por exemplo, “[...] quando os pais “dão uma palmada” na criança porque ela arranca as asas de uma mosca, trata-se de um momento de autoridade que contribui para a desbarbarização”. (ADORNO, 1995, p.167). Neste caso a criança está sendo educada para não cometer no futuro maldades nem com animais, nem com humanos, pois a correção dos pais demonstra-lhe que a dor está presente em todo ser vivo.

Essa preocupação adorniana com os conceitos de autoridade, autoritarismo e emancipação está presente, sobretudo, no texto Educação Após Auschwitz.

A autoridade constituída conduz o sujeito à emancipação, já o autoritarismo, ao fanatismo, à anulação do eu¹⁸ e à manipulação.

Adorno lembra que esse excesso de autoritarismo é motivo de reflexão, pois:

[...] embora na Alemanha, como em muitos outros países europeus, comportamentos autoritários e autoridades cegas perdurem com mais tenacidade sob os pressupostos da democracia formal do que se queira reconhecer. (ADORNO, 1995, p.123).

Os comportamentos autoritários estão presentes em todos os países, mas segundo Adorno na Europa, em particular na Alemanha, esses comportamentos estão mais presentes sob a égide da democracia.

Por este motivo a educação baseada na extrema autoridade era privilegiada, pois tinha em mente formar pessoas que se enquadram cegamente em massas amorfas e executar ordens sem questionar. O autoritarismo impedia que as pessoas pensassem por si mesmas, elas tornavam-se meros robôs diante de ordens recebidas.

17 Para maior entendimento sobre o tema ver Pucci & Oliveira & Zuin (1999, p. 125).

18 FREUD, Sigmund .Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIX, 1974.

Essa disciplina imposta através do autoritarismo é baseada em repressões que tentam diluir a personalidade do indivíduo, fazendo com que se transforme em apenas mais um na coletividade, sem capacidade de impor sua individualidade. Desta forma, a manipulação é mais fácil e se pode impor formas de viver e de pensar.

O autoritarismo está diretamente associado aos estados totalitários e ao caráter manipulador de homens que se consideram como aqueles que realizam ações.

Segundo Adorno:

O caráter manipulador [...] se distingue pela fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um realismo exagerado (ADORNO, 1995, p.129).

A pessoa dotada do caráter manipulador tem uma necessidade interna de agredir, de dar vazão à sua cólera a grupos, ou pessoas, que compõem uma minoria. Isto mostra sua insatisfação interior, sua frustração que pode ser gerada por problemas econômicos e, incapaz de identificar as verdadeiras causas de seus problemas, descarrega seus sentimentos de inferioridade em grupos que não são capazes de se defender. ¹⁹ Ele o faz com esses grupos porque são psicologicamente incapazes de se voltarem contra as autoridades de seu próprio grupo. Sua fúria e modo de agir demonstram o medo de pensar em suas próprias emoções. A incapacidade de se olhar e analisar seus sentimentos e frustrações geram uma atitude autoritária contrária ao ideal democrático.

Farei uso das palavras de Pucci para demonstrar a importância que Adorno dá a democracia: “[...] pois sua preocupação se esmera pelo ponto de vista de que a democracia, corporificada na instituição de eleições representativas, depende do desenvolvimento moral de cada indivíduo.”(PUCCI,1999, p.122).

É necessário investir no sujeito, na sua formação subjetiva pela educação, pois é pela subjetividade autônoma que se contrapõe o poder cego dos coletivos. A educação deve ter como meta direcionar o indivíduo à autorreflexão de sua individualidade e na coletividade demonstrar sua importância para o bem comum. O sujeito dotado de perfil autoritário é

¹⁹ “Parece claro que la sumisión autoritaria por si mesma contribuye em gran parte al potencial antidemocrático, convirtiendo al individuo em especialmente receptivo a la manipulación ejercida por los poderes externos más fuertes.” (ADORNO, 2009, p.201).

contrário a um perfil democrático, formado pelo ideal de autonomia. Segundo Pucci:

A educação como produção de uma consciência verdadeira é, para Adorno, uma exigência política, pois uma democracia com o dever não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas (PUCCI,s.d. p17).

A forma predominante de condução do povo alemão no regime nazista foi a manipulação. As pessoas eram manipuladas e controladas de tal forma que não pensavam por conta própria. O Estado dirigia literalmente a vida das pessoas, isto caracteriza o autoritarismo²⁰.

Para Adorno:

Seria preciso tratar criticamente um conceito tão respeitável como o da razão de Estado, para citar apenas um modelo: na medida em que colocamos o direito do Estado acima do de seus integrantes, o terror já passa a estar potencialmente presente (ADORNO, 1995, p.137).

Para ele, o autoritarismo dissipou-se na Alemanha e as escolas, com seus modelos autoritários, foram responsáveis pela formação de uma geração acrítica e passível de manipular.

Contraopondo esse modelo de disciplina pelo autoritarismo notamos que a presença da autoridade é necessária nos processos sociabilizadores dentro e fora do espaço escolar. Adorno, segundo Pucci, considera que para “A possibilidade de emancipação depende do contato com um modelo de autoridade” (PUCCI, 1999, p.123).

Este processo depende muito do professor que não deve apenas cumprir uma tarefa que é a reprodução de conhecimentos²¹ através do uso da disciplina que cria situações de

²⁰ Ver Hannah Arendt no texto. Que é autoridade?. In: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2005.

²¹ Adorno critica a mera reprodução de conhecimentos, mas não descarta a memorização como forma de aprendizagem. Tanto que defende que as crianças não precisam viajar à Itália para adquirir conhecimentos, seria mais importante que ficassem em sala de aula estudando a língua ou outro aspecto que exige a memorização. Reconstrução livre da autora. Verificar (ADORNO,1995, p.115).

autoritarismos e não de autoridade. Quando esta situação se concretiza, torna-se impossível de realização uma prática educacional voltada para o crescimento, fortalecimento do eu e troca de experiências. Essa autoridade deve estar presente mesmo antes da criança ingressar na escola. Cabe aos pais exercer essa autoridade de forma que a criança o aceite como autoridade e não como autoritário.

A presença da autoridade, que leva à disciplina, deve aos poucos ser superada. As pessoas que querem lutar pela busca da emancipação conseguem superar esta autoridade e se relacionar de modo equilibrado na relação professor-aluno. Somente quando houver este tipo de relação é que a pessoa se emancipa. Esta relação consiste numa relação de respeito de si mesmo e respeito pelo outro. O respeito mútuo leva à superação da relação de autoridade e passa a vigorar a partir do momento que se usa a razão para questionar os problemas, surge o diálogo e os diferentes pontos de vista são respeitados.²²

Vê-se que quando o sujeito conquista o respeito de si próprio, ele passa a respeitar o outro, numa relação equilibrada onde a autoridade é suprimida como elemento de coação e a relação que surge é a de cooperação entre indivíduos emancipados.

Decorrente desta relação de cooperação entre indivíduos emancipados o fato que não pode acontecer é o individualismo autoritário.

Para Adorno a educação deve opor-se ao antiindividualismo autoritário, isto é, uma educação que trate todos de forma semelhante, iguais, que privilegie a homogeneidade sem respeitar a singularidade de cada um. Por outro lado, uma educação focada somente na singularidade, nas diferenças não pode ser aceita.. A situação é paradoxal, pois ao focar na individuação ocorre que a pessoa individualizada situa todos os seus interesses em si mesma, vê a si mesma como fim último. Mas em contrapartida a não individuação gera uma atitude colaboracionista e leva ao enfraquecimento do eu. Assim se refere Adorno:

Uma educação sem indivíduos é opressiva, repressiva. Mas quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isto tem algo de quimérico e de ideológico. A única possibilidade que existe é tornar tudo isso consciente na educação; por exemplo, para voltar mais uma vez a adaptação, colocar no lugar da mera adaptação uma concessão transparente a si mesma onde isto é inevitável, e em qualquer hipótese

²² Como observa muito bem Piaget: Parece-nos que há, entre o respeito mútuo e a autonomia da consciência, a mesma relação existente entre o respeito unilateral e o egocentrismo. Acrescente-se a isso somente a circunstância essencial de que o respeito mútuo, bem mais que o respeito unilateral, encontra o elemento de racionalidade anunciado desde a inteligência motora inicial, ultrapassando assim, o episódio marcado pela intervenção da coação e do egocentrismo (PIAGET, 1994, p.82).

confrontar a consciência desleixada. Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador da resistência.”(ADORNO, 1995, p. 154).

Adorno traz à tona que a educação que não leva em consideração a singularidade dos indivíduos é uma educação típica do totalitarismo. Os sujeitos são tratados como iguais, sem levar em conta suas especificidades. O fato de tratá-los como iguais remete à ideia de que indivíduos são cultivados em estufas, recebendo a mesma formação para que exerçam seus papéis da mesma maneira; assim como no livro de Aldous Huxley²³ *Brave New World* (Admirável mundo novo) em que os indivíduos são cultivados para servir em determinadas funções pré-estabelecidas.

Segundo Pucci:

O lema planetário do admirável mundo novo se expressa na tríade: comunidade, identidade e estabilidade. Pela comunidade, o indivíduo fica incondicionalmente submetido ao funcionamento do todo: ‘cada um pertence a todos’; ‘cada um é de todos’ são as expressões (des)individualizantes que falam pelos homens massa (PUCCI, 2009, p.239-240).

Assim como no livro surge um elemento contestador: Adorno propõe que o indivíduo deva lutar contra esse processo de educação como mera adaptação, oferecer resistência e não conformismo diante do processo educacional que tem como intento adaptar o homem à sociedade. A educação deve tornar transparentes essas formas de educar. Para ele à educação cabe também o papel de adaptar o sujeito à sociedade, isto é, prepará-lo para (com) viver no meio social, mas isto não deve acontecer de forma homogênea. As escolas devem se reformular e aos indivíduos cabe questionar sempre. Somente entre a tensão do já estabelecido com o novo que se apresenta é que gera a reflexão. A resistência é a não passividade diante do já dado, mas isto deve ser feito de maneira que o indivíduo esteja consciente disto e que seja capaz, assim como a personagem do livro, de impor resistência a educação que produz massas amorfas.

²³ Huxley, em seu breve romance *Brave New World* (Admirável Mundo Novo) escrito em 1932, na Inglaterra, imagina um futuro no qual o domínio quase total das técnicas e do saber científico, o culto à máquina e a racionalização produzem uma sociedade integralmente administrada. Para maiores esclarecimentos ver *A Formação emancipadora no admirável mundo globalizado* de Bruno Pucci, onde o mesmo faz uma interessante leitura da crítica que teceu Adorno sobre o livro de Huxley.

A insurgência contra os sistemas que se pretendem totalidades absolutas se dá através da afirmação do individual, do particular, do diferente. “É pelo mais fraco que se tenta salvar o mais forte. É pelo indivíduo que se tenta resgatar o coletivo. Uma sociedade que possibilita aos indivíduos serem eles mesmos é uma sociedade em processo de transformação.” (PUCCI, 2001, p.27).

Em nossa sociedade, a mudança individual não provoca a mudança social, mas é pré-condição para que isto ocorra.

Para Adorno, as mudanças ocorrem quando há manifestações exigindo que as mesmas aconteçam, mas existe distinção entre manifestações de barbárie e de violência.

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição [...] (ADORNO, 1995, p.155).

Para Adorno a barbárie é também a não inclusão das pessoas nos processos de desenvolvimento, no acesso às tecnologias. Isso se demonstra numa sociedade com avançado desenvolvimento tecnológico que privilegia apenas alguns, quando a maioria dos indivíduos encontra-se fora deste contexto, não desfrutando dos avanços. Numa sociedade com alto grau de evolução é inadmissível que ainda morram pessoas de fome, de problemas simples de saúde. Tomo as palavras de Pucci para exemplificar minha interpretação “É de estarrecer a constatação de que atualmente temos as condições objetivas de simplesmente eliminar a fome da face da terra e, ao invés disso, o que observamos é justamente a reprodução da miséria e da barbárie.” (PUCCI, 1999, p.45).

Mesmo vivendo num mundo onde as técnicas estão avançadas, a comunicação quase instantânea, máquinas altamente sofisticadas, todo esse avanço não é acessível à grande parte da população. Para Adorno o avanço na tecnologia não ajudou o homem a vencer o seu instinto primitivo voltado à barbárie, que é natural no homem, e, portanto, deve ser reprimido. Entretanto, a barbárie está tão presente nos homens que se faz premente que os objetivos educacionais sejam revistos, pois para ele o problema da desbarbarização ainda não foi abordado adequadamente pela educação e tratá-lo adequadamente é decisivo para a

sobrevivência da humanidade. Este problema deve ser abordado não apenas pela pedagogia, mas também pela psicologia e sociologia, pois os momentos propícios geram a barbárie.

Adorno considera a barbárie como sendo sempre um ato de violência, mas nem todo ato de violência é barbárie. Cita, como exemplo, o caso dos estudantes secundaristas de Bremen que por causa dos aumentos tarifários dos transportes geraram distúrbios que foram taxados de atos bárbaros, mas para ele:

Se existe algo que as manifestações dos secundaristas de Bremen demonstra, então é precisamente a conclusão de que a educação política não foi tão inútil como sempre se afirma; isto é, que essas pessoas não permitiram que lhes fosse retirada a espontaneidade, que não se converteram em obedientes instrumentos da ordem vigente. (ADORNO, 1995, p.158/159).

Essa manifestação demonstrou que os jovens não estão totalmente despolitizados e se revoltaram contra o aumento que acharam abusivo, um ato de violência; mas a reação das autoridades reprimindo a manifestação, isto sim foi um ato de barbárie. Todo ato que usa da agressão física sem nenhum objetivo é um ato bárbaro, diferente da violência que pode acontecer para se reivindicar mudanças de situações vigentes.

Outro fato analisado é a prática de esportes, onde no calor da competição pode haver agressões, tanto dos competidores como dos torcedores, os exercícios físicos que levam a prática de esportes incentivam que cada um de o máximo de si, incentivam a superação- que é um fato positivo, mas isso acaba gerando uma ânsia em vencer e não se mede esforços para isto, mesmo que seja necessário o uso de violência. Contudo, segundo Adorno, o que devemos é “[...] desacostumar as pessoas de se darem cotoveladas.” (ADORNO, 1995, p.162). Situação semelhante ocorre quando a escola utiliza do princípio de competição entre os alunos “[...] a competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana” (ADORNO, 1995, p.161). Na competição vence o mais forte, o mais rico, o mais informado e esses não os princípios de uma educação humanizadora.

Para Pucci:

A competição, enquanto estímulo, emulação, bem orientada, pode ser realmente um instrumental pedagógico. Porém da maneira como usualmente é utilizada nas escolas se torna um instrumental reprodutivo da intensa competição presente na sociedade capitalista,

em que os homens são inimigos dos próprios homens (PUCCI, s.d. p. 15).

Esta situação em si é um incentivo ao uso da violência e revela a concepção de que é preciso preparar as pessoas para uma sociedade competitiva, onde vence o mais forte fisicamente, o mais esperto e desta forma deixa de ser um instrumental pedagógico positivo. O que gera é uma sociedade que incentiva a barbárie.

Adorno recorre a Freud para explicar porque a tendência à barbárie está presente nas pessoas. Para ele o que levaria a isto seria o fato de que os fracassos contínuos se transformam em sentimentos de culpa que acabam se traduzindo em agressões. Embora esta referência adorniana a Freud seja importante, foge ao escopo de nosso trabalho continuar aprofundando-a.

Além dos fatores subjetivos, os fatores objetivos, como a falência da cultura que separou os homens, isto é, distinguiu entre eles quais devem ter uma educação baseada no trabalho intelectual e outros que, por sua vez, terão uma educação com a finalidade voltada para o trabalho físico, gerou sentimentos de fracasso e conseqüentemente foram traduzidos em atos de agressão.

Até mesmo os processos de adaptações, que ocorrem nos espaços escolares, que podem culminar em agressões, devem ter um professor com formação adequada para mediar essa situação. Pois, “isto se deve que a perpetuação da barbárie na educação é mediada essencialmente pelo princípio da autoridade, que se encontra nesta cultura ela própria.” (ADORNO, 1995, p.166). Assim, qualquer tipo de autoridade não esclarecida deve ser abolida, pois resultará em autoritarismo, e na primeira infância a autoridade a ser usada deve ser a autoridade esclarecida. Nesta fase a criança necessita de limites e de autoridade, mas não de atos que ela não seja capaz de compreender. Neste caso a violência justifica-se como uma forma de impedir que a criança continue a praticar tais atos de barbárie. Este é um processo normal dentro do processo educativo, pois as crianças não devem ser preservadas da realidade e sim que tomem consciência dela, caso contrário tornar-se-ão “plantas de estufas” e alheias às barbáries a que são expostas. Para a criança a autoridade esclarecida é exercida por um adulto próximo (pais, professores) que são portadores de autoridade e que a repreendem ou castigam quando as regras estabelecidas por um grupo (família, escola) são quebradas. A criança reconhece que deve ser punida, mas esta punição deve ser dada pelo adulto o qual ela reconhece ser portador de autoridade, autoridade que é conquistada não apenas verbalmente

pelo discurso moralista, mas pelo exemplo. Nesta fase a criança ainda vive a heteronomia, vive o respeito unilateral, pois ainda não alcançou a autonomia.

A autoridade esclarecida faz-se necessária também neste período quando a criança precisa ter suas perguntas respondidas de maneira adequada. O esclarecimento é a resposta clara que satisfaz sua curiosidade e que a faça sentir-se segura e, com isto aos poucos vai formando seu arsenal de conhecimentos. O adulto deve ser claro e não omitir nem inventar respostas, pois poderão perder a credibilidade junto à criança além de fazer com que se intimidem e refreem suas curiosidades futuras. Isto é um exemplo de adulto esclarecido que faz com que a criança compreenda o que é o esclarecimento.

Esta autoridade esclarecida é necessária na primeira infância, pois Adorno lembra que a questão da autoridade é um processo que deve ser diluído ao longo do crescimento da criança. A criança necessita de que na família haja autoridade, mas não autoridade exercida com violência e sim a autoridade legitimada pelo agir regrado e aos poucos essa relação deve ser superada.

A autoridade esclarecida ilumina o caminho da criança e alimenta sua curiosidade pelo saber e pelo conhecer.

2.5 O papel da educação compreendida como adaptação e resistência

Adorno resgata o termo de esclarecimento que Kant trabalhou. Para ele este conceito não se realizou, mas não significa que deva ser abandonado, pois somente a saída do homem da menoridade o levará a se tornar um ser autônomo.

A educação tem por finalidade a contradição e a resistência para superar a educação pela dureza. A educação, ao menos do modo como se dava até então, contribuía para esta imolação, introjetando no eu a contrapartida subjetiva da barbárie, a saber, a heteronomia. A heteronomia é condição em que o sujeito passa a ser determinado externamente, por um “outro” que está situado fora dele.

A experiência formativa é uma experiência significativa de formação cultural na qual os sujeitos elaboram nexos de continuidade na perspectiva histórica e realizam a auto-reflexão crítica na procura da verdade.

Outro aspecto abordado é a dificuldade de aceitar mudanças que algumas escolas têm. O “aquí as coisas são feitas assim” deveria ser revisto, pois não se justificam atitudes que causam temor aos alunos. É justamente neste sentido que se faz compreender a afirmação de Adorno: “A escola não constitui um fim em si mesma.” (ADORNO, 1995, p.115). A escola

deve ter um papel integrador, socializador e estar atualizada com as mudanças ocorridas na sociedade e não voltada apenas para seu próprio agir.

Mas o ponto nevrálgico para a mudança seria a “deformação psicológica de muitos professores” que, segundo Adorno, deveria ser corrigida de imediato, assim como a conduta autoritária de professores mais velhos deveria ser revista mediante perspectivas problematizadoras²⁴, pois estas condutas prejudicam o objetivo educacional. “Mudanças de fundo exigem pesquisas acerca do processo de formação profissional.” (ADORNO, 1995, p. 110). Podemos citar como exemplo o Brasil que também necessita mudanças nos modelos educacionais que ainda continua atrelado aos velhos modelos tradicionais e autoritários de educação. Fato constatado em discussões em aulas em que colegas que trabalham em escolas consideradas modernas, mantêm-se adeptas ao regime da escola tradicional não permitindo inovações nas formas de ministrar aulas. Há no modelo escolar um paradoxo entre a dimensão administrativa, já sedimentada em valores, crenças e normas, não aceitando mudanças na estrutura de funcionamento. Por outro lado temos a dimensão própria da pedagogia, que exige constante reflexão da prática e a necessidade de rever constantemente as bases teóricas em que a prática pedagógica está alicerçada.

Mas somente uma sociedade democrática será capaz de tal transformação, pois a mudança reside na sociedade e em sua relação com a escola, pois à escola compete contrapor-se a barbárie. Segundo Adorno, a tensão entre a autonomia e a adaptação necessária para que a formação cultural possa acontecer, congela-se no momento adaptativo. A criança quando enviada à escola tem que se submeter a regras, adaptar-se à rotina, ter disciplina, obedecer aos processos já existentes. Este processo, que pode parecer agressivo, é necessário para que a criança seja inserida na sociedade, pois toda sociedade exige que o indivíduo adapte-se às regras que regulam o viver em comunidade. Este processo é uma continuidade daquele que a criança vive na família, com a diferença de que tem que conviver com diferenças, ser tolerante e, muito mais do que isso, por vezes abrir mão de suas crenças para que a convivência em grupo possa ser realizada. Adorno nesta passagem condiciona o viver numa democracia com a total abdicação da subjetividade, sendo que isto quando acontece a sociedade não vive um regime democrático e sim totalitário.

²⁴ Presenciei um caso de uma criança que estava desenhando e a professora já tinha mudado para a aula de matemática. Ela tomou o desenho da criança, amassou e colocou no lixo, humilhando-o perante os colegas. Mais tarde a criança me contou chorando que o desenho era muito bonito (e realmente era). Abriu a mochila e retirou o papel amassado contendo o desenho de um carro, muito bem feito, colorido, com linhas perfeitas. Comentei com a mãe sobre o fato e ela me respondeu “ele é muito insubordinado e tem que obedecer a “pro””.

Segundo Pucci “Fica claro que a educação emancipadora possui tanto uma dimensão de adaptação, como uma dimensão de distanciamento da realidade.” (PUCCI, 1999, p.118).

Esta situação de distanciamento da realidade levou a uma crise de insatisfação e ódio e despertou o anti-semitismo nos indivíduos que viram que a democracia não cumprira com a promessa de autonomia, isto levou à crítica a forma de organização política e ao reforço do totalitarismo.

Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar, precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a idéia da democracia, conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam do seu próprio eu (ADORNO, 1995, p.43).

Ou seja, quando a educação é compreendida meramente como adaptação, ela conduz ao autoritarismo e se coloca na contramão da democracia. Desta forma, a educação como mera adaptação é sinônimo de autoritarismo. Autoritarismo imposto por uma organização que leva a maioria das pessoas a se adaptarem, conformando-se com o já existente. Se quiserem sobreviver, tem que se adaptar. Porém a educação como resistência é o contraponto necessário à educação como adaptação. Esta tensão entre adaptação e resistência é o núcleo dialético do conceito adorniano, segundo Pucci

Mas Adorno acrescenta um outro elemento importante na análise da relação entre os momentos constitutivos da educação, a autonomia e a adaptação. A contraditoriedade entre esses elementos não é metafísica e sim dialética, portanto muda historicamente (PUCCI, 1999, p.138).

Desta forma, a escola tem um duplo papel- como constituinte de uma consciência autônoma e emancipada e também como capaz de adaptar o indivíduo à sociedade sem torná-lo incapaz de ir além da mera adaptação.

Adorno levanta dois problemas difíceis quando se trata de emancipação: O primeiro é o obscurecimento da consciência devido à organização do mundo atual e a ideologia dominante. A organização do mundo transformou-se ela própria em ideologia que acaba sufocando a luta pela emancipação. O segundo, a “emancipação significa o mesmo que

conscientização, racionalidade.” (ADORNO, 1995, p.143). A emancipação não se refere apenas ao indivíduo, mas como ser social, sendo assim a realidade envolve continuamente um movimento de adaptação. Produzir apenas “*well adjusted people*” é o que se tem de pior na educação, mas também cabe a ela o objetivo de adaptar o homem ao mundo.

Para Adorno desde a infância deve-se despertar na criança a consciência crítica para que a educação não seja apenas adaptação. “A crítica deste realismo supervalorizado parece-me ser uma das tarefas educacionais mais decisivas a ser implementadas, entretanto, já na primeira infância.” (ADORNO, 1995, p.145). A educação infantil torna-se de fundamental importância com vistas a formar crianças pequenas para uma educação para a realidade, ou melhor, para a *autorreflexão*. Faz-se necessário, neste contexto, quando se trata da possibilidade de emancipação pela educação, que as pessoas voltem seus esforços para uma ideia de educação como contradição e resistência.

Isto se apresenta como uma ambiguidade que deve ser refletida continuamente, pois “a importância da educação em relação à realidade muda historicamente.” (ADORNO, 1995, p.144). Mas hoje o processo de adaptação é tão rápido que mais parece imposto de forma que não há tempo para a reflexão e a contradição.

A educação tem o sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância (ADORNO, 1995, p. 121-122).

Adorno retoma o ponto de que é na primeira infância que se forma o caráter do indivíduo, portanto esta fase deve merecer especial atenção dos pais/educadores, pois convivendo num ambiente mais humano maior são as chances de formarem egos consistentes; segundo estudos psicológicos é na infância, na fase de desenvolvimento da criança que ocorrem as deformações que mais tarde virão à tona, como já citados anteriormente.

É mais fácil evitar que haja adultos praticando crimes quando se começa a trabalhar na infância uma educação voltada para a reflexão, pois quanto melhor as crianças são tratadas, com maior afeto e carinho, maior a chance de formar indivíduos voltados à autorreflexão crítica.

Conforme Pucci, Adorno “defendia a atualidade do conhecimento autêntico e integral da psicanálise e seu potencial enquanto autorreflexão crítica.” (PUCCI, 1999, p.136). A psicanálise é fundamental, pois pode levar à compreensão dos mecanismos subjetivos fortalecendo na pré-consciência determinadas contra-instâncias que podem impedir a formação de indivíduos extremistas²⁵. A educação deve servir ao homem para melhorar sua vida e quanto mais cedo iniciar, mais chances de obter resultados positivos.

Mas isto não significa super-protégê-las, pois crianças que desconhecem as mazelas e crueldades da vida acabam sendo também vítimas da barbárie. A educação deve possibilitar a inflexão em direção ao sujeito. Segundo afirma Adorno, para compreender os atos que levaram aos genocídios faz-se necessário compreender os mecanismos que fizeram as pessoas agir daquela forma, precisando também revelar tais mecanismos a estas pessoas de modo a impedir que reincidam em sua forma de agir. Para isso é necessário o despertar da consciência, pois a culpa sobre as atitudes tomadas são apenas daqueles que, desprovidos de consciência, voltaram seu ódio para determinadas minorias. Por outro lado, de nada adianta lançar dúvidas sobre quem é o culpado, o que se tem a fazer é investir na educação para que se desenvolva nas pessoas capacidade de realizar a autorreflexão crítica.

Quando a educação não se volta para a reflexão crítica, a mesma educação que proporciona o acesso às tecnologias modernas ao indivíduo, pode torná-lo escravo e, como exemplo, Adorno toma o uso da técnica na construção do sistema ferroviário com maior eficácia no transporte das vítimas para os campos de extermínio. Essas pessoas estavam tão absorvidas no desenvolvimento de técnicas que nem pensavam a finalidade com que seriam usadas. São pessoas, que ainda existem, e que quando questionadas respondem “I like nice equipment.” (ADORNO, 1995, p.133). Suas relações são com máquinas e equipamentos o que evidencia sua incapacidade de amar, de se relacionar com outras pessoas. A educação aprimorou-lhes a técnica e não a humanidade.

Para Adorno o que realmente preocupa é que essa tendência ao desenvolvimento encontra-se atrelada à civilização e se opor a isto é opor-se ao progresso, opor-se ao espírito do mundo, assim torna-se duvidoso o combate a uma nova barbárie através da educação. Porque geralmente essas pessoas não se preocupam com o que está acontecendo ao outro. Vivem presas em seu mundo ou se relacionam com iguais e não são capazes de se opor às atividades que vivenciam para não se contrapor aos interesses dos demais.

25 Podemos observar a importância da psicanálise para a Adorno e toda a escola de Frankfurt. Para ter um panorama completo ver: Teoria Crítica e Psicanálise de Sérgio Paulo Rouanet (1989), A Teoria Crítica, de Marcos Nobre (2004), ou ainda Meu Encontro com Marx e Freud, de Erich Fromm (1975).

Essa frieza, indiferença com o outro, deficiência em amar não é exclusivo de uns poucos, ela faz parte de todas as pessoas e para se trabalhar essa deficiência é necessário que se conheça e trabalhe no plano individual; é impossível cobrar dos pais que nunca receberam afeto que o dêem a seus filhos, muito menos nas relações profissionais; professor/aluno; médico/paciente. A solução para isto seria de ajudar as pessoas a compreenderem como essa frieza foi gerada, fazê-las tomar consciência do fato e, assim, tornar as relações menos frias, com maior afetividade. Adorno não se coloca como o defensor do amor, haja vista, que essa é uma deficiência que atinge a todos, mas acredita que a afetividade deve ser exercida para com as crianças para as tornar seres mais conscientes e abertos à reflexão. Somente com a formação de indivíduos autônomos, os regimes democráticos serão efetivados.

Sendo assim, a formação de adultos autônomos é essencial para a que a democracia seja exercida e, para tanto, Adorno retoma o conceito de Kant sobre o que é esclarecimento? Para Kant é a saída do homem de sua autoculpável menoridade, é a capacidade do homem de responder por seus próprios atos e a permanência neste estado de menoridade é por falta de coragem ou covardia.²⁶

Para Adorno, a consolidação da democracia necessita de que cada um seja capaz de se servir de seu próprio entendimento e pressupõe a aptidão e a coragem para assumir a tomada de decisões.

A emancipação propagada por Kant e cultuada através de discursos torna-se mera retórica senão houver uma reação contra os modelos vigentes de educação na Alemanha²⁷, em especial na reformulação dos currículos e a falsa crença de que os talentos e os gênios são determinantes na educação. Neste sentido, faz-se necessário oferecer, desde a pré-escola, uma gama diferenciada de opções para que haja um verdadeiro desenvolvimento para a emancipação.

Na literatura pedagógica que trata da emancipação, segundo Adorno, o que se encontra é:

[...] um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação, atuando assim não só de modo implícito mas explicitamente contra os pressupostos de uma democracia (ADORNO, p.172, 1995).

²⁶ Nos determos de forma mais aprofundada na relação entre Kant e Adorno será tratada no terceiro capítulo.

²⁷ Para maior esclarecimento ver: (EIDAM, 2009, p.59).

Isso quer dizer que a tão propagada emancipação continua vinculada ao respeito à autoridade, ao compromisso e à ordem, o que é contrário ao pensamento de uma sociedade democrática, baseada na autonomia e na emancipação.

Para Adorno, a crítica aos idealistas sobre uma razão absoluta ou espírito absoluto (Kant e Hegel) pode ser feita, mas para ele “não é permitido duvidar que sem o pensamento, e um pensamento insistente e rigoroso, não seria possível determinar o que seria bom a ser feito, uma prática correta.” (ADORNO, 1995, p.174). Desse modo, fica claro que para ele a razão deve ser usada de modo que o sujeito alcance a emancipação, e esta só pode ser alcançada com autodisciplina.

É sabido que, mesmo após o Iluminismo, em muitos lugares permaneça a prática de uma educação não emancipadora. Ao fazer esta crítica, Adorno cita três modelos de educação. O Primeiro da União Soviética quando ele esteve visitando escolas e se surpreendeu com o modelo autoritário empregado nas mesmas, mesmo após o país passar por transformações nas relações de produção, a educação continuava baseada no autoritarismo, perpetuando um processo não emancipatório. O segundo, o pragmatismo americano e o terceiro, a metafísica alemã que culminam na “glorificação” da heteronomia, segundo ele, pois as ideologias podem, mesmo que tenham conteúdos diferentes, manter ou defender sua referência social.

Para exemplificar esta crítica à metafísica retomo uma passagem em que Habermas declara a metafísica ser desde o início Unidade e Multiplicidade²⁸. Neste sentido, Dalbosco comenta: “[...] a filosofia metafísica pode ser definida como aquele tipo de pensamento universalizante, com olhar dirigido ao todo, de caráter não empírico e com pretensão de fundamentação última.” (DALBOSCO, 2010, p.121).

Dessa forma, a educação fundamentada no pensamento metafísico acaba perpetuando a relação de autoritarismo, pois existe uma relação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido que perpetua o sentido tradicional do conhecimento - daquele que ensina a outro de forma vertical, isto é, o professor como mero transmissor de conhecimentos que mantém a relação de heteronomia do indivíduo e perpetua o sistema vigente.

O pragmatismo parte do princípio de que a aprendizagem concretiza-se através de um processo interativo, onde educador e educando aprendem juntos interagindo com o meio que os cerca. Segundo Dalbosco

28 Habermas faz uma importante crítica à metafísica moderna procurando um novo princípio para unificar o pensamento fora da metafísica tradicional. Para melhor compreensão desse problema ver: Pensamento Pós-Metafísico, (HABERMAS, 1990, p. 282), e O Discurso Filosófico da Modernidade (HABERMAS, 1990, p. 11)

O núcleo da teoria pragmatista da ação resulta no conceito de ser humano como organismo agente, cuja capacidade de produzir e empregar símbolos significativamente permite-lhe interagir ativamente consigo mesmo, com os outros e com o meio físico social mais amplo (DALBOSCO, 2010, p.54).

A crítica de Adorno é de que o pragmatismo alicerçou na ciência moderna, nos procedimentos e métodos a base para a democracia.

Quando questionado se o conceito de autoridade não é contrário à autonomia, Adorno retoma sua pesquisa em *Authoritarian Personality*²⁹ em que faz justamente a constatação de que existem vários conceitos de autoridade, um deles é o conceito psicossocial, isto é, baseado na troca de expectativas entre o indivíduo e a organização psicossocial. Trata-se, portanto, neste significado do referido conceito, do modo como nossa subjetividade é formada ao se relacionar com a sociedade e, também, da forma segundo a qual a própria sociedade cria suas autoridades. Outro aspecto é a autoridade técnica, ou seja, o fato de que alguém entenda mais de um assunto do que outro (mecânico, religioso, piloto) então ele tem autoridade sobre o que sabe menos. Dessa forma, o conceito de autoridade adquire significado dentro do contexto em que se apresenta.

Rodrigo Duarte, na apresentação do livro *As estrelas descem a terra*, comenta que a pesquisa social realizada por Adorno em *Estudos sobre a autoridade e família*³⁰ demonstrou que a mudança do capitalismo liberal para o monopolista, transformou a classe média – pequenos comerciantes, fabricantes- os quais possuíam certa independência financeira, em meros funcionários ou, ainda, em desempregados. Isso debilitou a figura paterna enquanto chefe de família e agente econômico autônomo. Essa crise destruiu a antiga autoridade patriarcal que:

[...] levava os filhos a se constituírem eles mesmos como sujeitos psíquicos bem formados, sem a debilidade do eu característica de uma classe média decadente na Alemanha da década de 1930 que foi terreno fértil para a constituição da “base de massas” do nazismo (ADORNO, 2008, p 17).

29 *Authoritarian Personality* constituem os escritos sociológicos sobre a personalidade autoritária, realizados por Adorno nos Estados Unidos.

30 Essa pesquisa, segundo Duarte, resultou no livro “A Personalidade autoritária”, tinha como objetivo aferir o potencial de adesão a projetos políticos autoritários (no limite: totalitários) em amplos setores daquele que se considerava (e ainda considera) a maior democracia do mundo: os Estados Unidos da América. Em outras palavras, tratava de investigar até que ponto a nação que derrotou o regime nazista estava livre do tipo de ideologia que resultou nessa tirania.

É normal, segundo Adorno, que se apóia nas teorias de Freud, que a criança se identifique com a figura do pai, interiorizando uma autoridade, mas aos poucos passa por um processo de desmistificação da figura paterna e adquire personalidade própria, tornando-se pessoa emancipada. Assim, justifica Adorno, a autoridade é um processo necessário para que se alcance a emancipação.

A descoberta da identidade é um processo que só é possível quando se passa por um rompimento com a autoridade. A construção da identidade é um processo gradativo que se dá por meio das interações sociais. À medida que a criança cresce vai se desenvolvendo e se descobrindo cada vez mais como ser autônomo. Este é um processo, quase uma negociação, que a criança vai tecendo no decorrer do seu desenvolvimento. Se ela cresceu numa relação de respeito, amor, cuidados, a autoridade exercida pelos pais/professores vai sendo substituída por uma relação de respeito mútuo.

Adorno afirma ser impossível a formação de uma identidade sem algum contato com alguma figura que representa autoridade, mas também afirma que a libertação desta figura é essencial. Somente com o contato com várias outras figuras que representam autoridade é que o indivíduo consegue se desprender da figura paterna, superar suas frustrações e ordenar suas descobertas mentais de forma autônoma.

Segundo Pucci “Assim os professores são necessário, mas não tão relevantes a ponto de suprimir as capacidades dos alunos.” (PUCCI, 1999, p.124). Quando esse processo não é bem conduzido, como por exemplo, pelo professor, que pode tornar-se supérfluo ou afastar os alunos por ser demasiadamente autoritário, gera uma ilusão de emancipação que perpetua a menoridade. Isso pode ser observado na pessoa que não conseguiu superar esse processo e acaba por permanecer no estado de menoridade, além de se comportarem de modo brutal para ter credibilidade também com os outros. Segundo Adorno: “A emancipação precisa ser acompanhada de certa firmeza do eu, tal como formada no modelo do indivíduo burguês” (ADORNO, 1995, p.180). Ora, a pessoa com personalidade fraca, fica vulnerável quando tem necessidade de mudança, seja no trabalho ou no aprendizado de uma nova profissão, extravasando sua fraqueza nos domingos quando frequenta os estádios esportivos, por exemplo.

O processo de emancipação fica comprometido quando há fraqueza do eu, pois um ego fortalecido resiste ao processo de dominação do sistema. Segundo Rodrigo Duarte: “Isso significa dizer que um “eu” psicologicamente bem estruturado seria, em tese, muito mais

capaz de realizar aquela ‘memorização da natureza do sujeito’” (DUARTE, 2003, p.82). O eu fortalecido é capaz de resistir a ideologias totalizantes. Essas reflexões adonianas remetem à psicologia freudiana, que, como já citado, não será tema aprofundado. Neste sentido pode-se relacionar a fraqueza do eu com a falta de esclarecimento.

Retomando a Kant, o qual respondeu à pergunta “vivemos atualmente em uma época esclarecida? Sua resposta foi: “Não, mas certamente em uma época de esclarecimento”. (KANT, apud ADORNO, 1995, p.181). Isso mostra que o processo de esclarecimento não é um processo estático, mas sim dinâmico, como um vir-a-ser e não um ser (ADORNO, 1995, p.181). Na sociedade atual, se ainda vivemos numa época de esclarecimento, o processo de emancipação tornou-se mais difícil em virtude da organização da sociedade e se não for bem refletido pode se tornar simplesmente retórico e a razão disso é a contradição social, pois vivemos numa sociedade heterônoma que impõe às pessoas suas determinações e estas as absorvem sem questionar. No livro *As estrelas Descem à Terra*, Adorno faz uma análise de como a sociedade americana rege sua vida por uma coluna de horóscopo; as revistas de moda e suas modelos esqueléticas tornam-se padrões de beleza para jovens e adolescentes; os jogadores de futebol com seus salários exorbitantes fazem sonhar os meninos que um dia serão eles a ocupar este lugar, enfim a indústria cultural como um todo torna extremamente difícil e quase impossível a construção de uma consciência autônoma.

Esse problema alastra-se desde as instituições escolares, discussões sobre educação, política e outras. Assim, o problema da emancipação é de como se pode enfrentá-lo e quem está apto a fazê-lo e, aqueles que se interessam por isso concentrem suas energias para que a educação seja uma educação voltada para a contradição e para a resistência. Como exemplo: despertar o senso crítico dos alunos quando se exibem filmes, se lê uma revista, ouve uma música. Com essas práticas começar a despertar a consciência do quanto há de manipulação nestes processos, torná-los críticos e daí gerar uma crítica imanente. Mas essa situação geraria protestos e o processo para a emancipação deve analisar todos esses aspectos, para que não se transforme numa utopia.

Além de que devemos ter presente que a sociedade tal como ela existe, mantém o homem não emancipado e qualquer tentativa de mudança gerará protestos acirrados, pois, “quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil” (ADORNO, 1995, p.185). Aquele que quer mudar deve converter essa impotência e mudar a forma de pensar e a forma de agir.

Das práticas escolares devem ser abolidas todo e qualquer rito de iniciação, principalmente aqueles que causem dor física, como os trotes. Enfim todas essas práticas que

são denominadas ritos de iniciação, pois esses são ameaçadores e se impõem como forma de dominação através de atos bárbaros. Não são atos disciplinadores e educativos, mas sim meios de expor a criança a humilhações que faz com que ela já inicie sua vida escolar com temor e se torne vítima, isto é, deixa-se manipular com maior facilidade. Aos adultos cabe a função de trabalhar com as crianças de modo que a obediência e disciplina sejam reconhecidas como legítimas e as preparem para viver na sociedade como indivíduos autônomos.

3. AFINIDADES ELETIVAS E DIFERENÇAS ENTRE KANT E ADORNO NO QUE CONCERNE A DISCIPLINA E A AUTONOMIA.

Neste capítulo procurarei trazer à tona as afinidades e as diferenças entre as ideias de Kant³¹ e Adorno no que concerne à disciplina e à autonomia no processo pedagógico. Podemos identificar as aproximações entre ambos apesar de escreverem em épocas diferentes, com linguagem diferente e com o mundo vivendo em outra situação social, política e econômica.

Desse modo, as perguntas mais pontuais de minha investigação são: o que significa autonomia e disciplina em Kant e Adorno? Onde repousa a diferença e a afinidade destes dois conceitos nos autores referidos?

Adorno crê que o Esclarecimento, conceito que não se realizou no Iluminismo³², apregoado por Kant, pode ser resgatado e, através dele, com base na educação, é possível que o ser humano desenvolva a capacidade de pensar por conta própria e seja capaz de refletir sobre os problemas que se lhe apresentam não se deixando influenciar por outrem. Adorno demonstra assim a forte influência que Kant exerceu sobre seu pensamento por legitimar a educação como único meio para prevenir a repetição da barbárie. Conforme fica explícito por Adorno nesta passagem: “O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação.” (ADORNO, 1995, p.125).

Ambos os autores partem do princípio que é na primeira infância que o processo pedagógico deva ser iniciado, pois é esta fase fundamental para começar a desenvolver na criança hábitos que a auxiliarão a se tornar autônomo, a pensar por si mesma.

Num primeiro momento vou abordar as afinidades eletivas e as diferenças de ambos os autores no que concerne à infância.

31 O texto que melhor explica os ideais Iluministas é escrito por Immanuel Kant já no final do período iluminista. No texto “Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?” (Kant, 2009), está expressos os pressupostos e ideais apregoados pela modernidade.

32 Segundo Leo Maar, tradutor do livro Educação e Emancipação, “Adorno se detém na formação educacional por motivação análoga à que instigou Kant a se ocupar do esclarecimento da Ilustração.. Assim como a Ilustração tornara-se problemática no final do século das Luzes, a formação converteu-se em problema nesta segunda ilustração[...]” (ADORNO, 1995, p.15).

3.1 Infância

Sobre o fortalecimento da criança durante o processo formativo, afirma Kant: “Tudo aquilo que a educação deve fazer é impedir que as crianças cresçam muito delicadas. A fortaleza é o oposto da moleza”. (KANT, 1999, p.49)

Kant tece uma crítica aos excessos cometidos durante a infância no que concerne aos cuidados ou à falta deles. Uma criança que é exposta aos maus hábitos, como dormir e comer a hora que quer, deixá-la ter acesso a bebidas alcoólicas, cigarro, só fará com que adquira hábitos que depois serão difíceis de livrar, até porque as crianças não têm a estrutura física de um adulto e sofrerão com isso. Tece uma crítica também aos povos que expõem as crianças às nuances das intempéries, causando um número grande de mortes, aduzindo que elas deverão ter seu corpo fortalecido, não sendo superprotegidas, tendo, entretanto, uma educação rígida, com disciplina e regras que as afastem das comodidades, fortalecendo o corpo, o que contribui para a superação de adversidades.

Na abordagem de Adorno, as crianças expostas a agressões verbais ou físicas, são vítimas de comportamentos autoritários que contribuem para a perpetuação da barbárie. As crianças, desde a pré-escola, são submetidas a situações que as estimulam a expressar sua agressividade, mesmo que sejam “agressões de alívio” (ADORNO, 1999, p.165) elas também são vítimas e têm seu comportamento brutal não controlado.

Por outra perspectiva, Adorno também é da posição que as crianças não devem ser superprotegidas, a sua inserção no meio escolar deve ser mediada por uma autoridade legítima, pois as manifestações de agressão ocorrem nas fases de adaptação e o importante é que a autoridade esclarecida conduza esse processo de forma que se forme um indivíduo rigoroso e estável que saiba controlar seus impulsos.

Essa superproteção exacerbada pode tornar a criança frágil por um lado e por outro a torna incapaz de tolerar contrariedades, já que a superproteção traz consigo a indiferença à vontade do outro. Assim, não coibir esses impulsos a conduz à barbárie.

O que podemos observar nos autores é a preocupação de formar indivíduos com capacidade de se auto-defender, de resolver situações conflituosas de forma que não seja necessário o uso da violência. Verifica-se isso em Kant na medida em que parte do pressuposto de que o fortalecimento do físico contribui para a formação do caráter e, em

Adorno, quando afirma que a criança estará exposta a situações conflituosas, mas desde que haja uma autoridade legítima para mediar essas situações ela conseguirá superar essa fase.³³

Kant descreveu nas preleções *Sobre a pedagogia* um verdadeiro manual de como se deve tratar a criança desde o seu nascimento. Ele fez uma releitura sob novas perspectivas das ideias de Rousseau, em especial nos capítulos I e II do *Emílio* e as desenvolveu de forma sistemática. Segundo Dalbosco:

No entanto Rousseau não elaborou sistematicamente tal projeto, oferecendo no *Émile* apenas um esboço desarticulado de conceitos e princípios centrais referentes à educação natural. Com tal esboço ele pretendia dar conta do desenvolvimento cognitivo moral da criança desde o nascimento até seu ingresso efetivo na sociedade. (DALBOSCO, 2011, p.138).

Rousseau forneceu os paradigmas do desenvolvimento infantil de forma intuitiva; Kant sistematizou e depurou suas ideias dando um caráter ético/moral mais sistemático.

Como já citado anteriormente, Kant descreve os cuidados para com a criança desde a forma de vesti-las até o modo de reconhecer os diferentes tons do choro para não ser negligente nos cuidados, mas também para não se tornar escravo das mesmas.

Se acostumarmos os bebés a verem satisfeitos todos os seus caprichos, depois será tarde para dobrar a sua vontade. Deixemos, pois, que chorem à vontade, e logo eles ficarão cansados de chorar. Se cedemos, porém, a todos os seus caprichos na primeira infância, corrompemos desse modo o seu coração e os seus costumes. (KANT, 1999, p. 43).

essa distinção, já que não desenvolve um programa pedagógico, mas defende que é na primeira infância que a criança começa a ter contato com as regras e os limites. Para ele quanto melhor for tratada a criança, menor a chance de errar e maior a possibilidade de formar um adulto equilibrado. Mas nesta fase faz-se necessário a presença de um adulto que faça a mediação, que a conduza ao caminho da autonomia. Este adulto que acompanha o processo pedagógico deve ter sua autoridade reconhecida pela criança que não deve temê-lo, mas sim ver neste adulto aquele que abre os caminhos para seu crescimento. Sendo nesta fase que

³³ É preciso ter em mente que o fundo desta problemática, sobretudo, da insistência na importância da educação dos sentidos da criança é de raiz rousseauiana. Os dois primeiros livros do *Emílio* insistem no núcleo da educação natural que é a o fortalecimento do corpo e o refinamento dos sentidos. Sobre isso ver Dalbosco (2011).

ocorre a formação do caráter do indivíduo, todas as experiências vivenciadas serão referenciais no decorrer da vida. Sendo essa a razão de Isso não significa que a criança não necessita ser cuidada, mas o adulto deve saber discernir quando é realmente necessário dispensar cuidados e quando o choro é por capricho como se diz comumente.

É na infância, no seio da família que se inicia o processo pedagógico educativo, segundo Kant. Nessa fase a criança é um ser que age por inclinações e que deve ser educada para viver de acordo com as regras e, para tanto, faz-se necessário o uso da disciplina sem esquecer que a criança deve ser tratada como criança e o adulto deve legitimar sua autoridade através de exemplos e não através de discursos moralizantes.

Adorno também concorda que é na primeira infância que se deve iniciar a educação, isto é, o processo pedagógico. Para ele a disciplina deve ser exercida por uma autoridade legítima, sem esquecer que é obrigação dos pais e professores cuidar e respeitar os direitos e interesses da criança.

A criança em ambos os processos pedagógicos é tratada como ser em formação que depende de outrem para vir a ser, isto é, tornar-se um adulto capaz de decidir por si próprio, assumir suas ações, e fazer parte da sociedade.

É na infância, na fase da heteronomia, onde a criança acata as ordens ditadas pelo adulto que se inicia o processo de educação tanto para Adorno quanto para Kant.

Kant, como vimos, elabora um programa pedagógico dividido em duas etapas: a física e a prática. Esse processo deve ser desenvolvido concomitantemente e tanto uma como outra etapa tem por objetivo desenvolver o caráter da criança e a tornar um ser moral. Na educação física a criança aprende a obedecer regras sem questionar e aos poucos vai compreendendo e assimilando essas regras para se auto-disciplinar. Assim, a criança desde o início deve aprender a respeitar aos outros para também ser respeitada, deve-se lhe mostrar que a coerção é a forma que conduz à liberdade.

Adorno não faz que Adorno parte dos pressupostos psicanalíticos na formação do caráter³⁴, assim o processo pedagógico na primeira infância é fundamental para promover a reflexão crítica e alcançar a autonomia.

34 A Escola de Frankfurt, da qual Adorno faz parte, desenvolve estudos em Marx, Nietzsche, Freud, Hegel e outros. Adorno utiliza-se da psicanálise de Freud para mostrar a importância da reflexão sobre a produção do conhecimento nas relações pai/filho, professor/aluno, para compreender o indivíduo inserido na sociedade contemporânea e para compreender a formação da subjetividade e analisar as condições do indivíduo e da sociedade. Para ver mais consultar a obra: O poder educativo do pensamento crítico, 3- Adorno e a dialética psicanalítica. (PUCCI, 1999).

A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma reflexão crítica. Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância. (ADORNO, 1995, p.121/122).

Vemos assim que Adorno embasa seus argumentos na psicanálise, diferente de Kant que vê na racionalidade a forma de se extrair o homem de seu estado de animalidade. Porém ambos concordam que mesmo recebendo instrução e formação o indivíduo tem o livre arbítrio e pode vir a praticar maldades³⁵.

Nesse processo de formação, a presença do adulto para conduzir a educação da criança é defendida por Kant e por Adorno, pois nessa fase a criança necessita de um guia que a conduza à conquista da autonomia. Ambos os autores defendem que a educação da criança deve ser conduzida por alguém que também tenha formação, pois um adulto mal preparado é incapaz de contribuir para a formação da criança, já que ele próprio não a possui.

Exemplifico com as citações de Kant e Adorno a seguir. Primeiramente cito Kant:

O homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos. (KANT, 1999, p.15)

Segundo Adorno “A solução, se posso assim dizer, pode provir apenas de uma mudança no comportamento dos professores.” (ADORNO, 1995, p.113); pois o processo de formação da criança depende de uma boa formação do professor, que muitas vezes está exercendo a profissão por falta de opções profissionais. Assim, um adulto insatisfeito com seu trabalho é incapaz de auxiliar no processo de conquista da autonomia de outra pessoa.

Dessa forma a educação que se inicia na família deve ser continuada na escola por professores que tenham competência e formação adequada para conduzir o processo pedagógico, fazendo as mediações necessárias para adaptar a criança ao grupo de

35 Podemos ver essa preocupação kantiana em sua obras dedicadas a filosofia prática. Para ter uma idéia completa sobre o pensamento kantiano ver: Crítica da razão prática (s.d.), Fundamentação da metafísica dos costumes, A Metafísica dos Costumes (2003), Ideia de uma história universal como um propósito cosmopolita (2009), Começo conjectural da história humana (2010), A Religião nos limites da simples razão (1992).

convivência, respeitar o espaço do outro, ser tolerante, aspectos estes desenvolvidos através de uma educação que abranja os cuidados e a formação.

A infância tanto para Kant quanto para a Adorno é a fase fundamental para que se inicie o processo educativo.

3.2 Disciplina

Kant e Adorno elegem algumas prioridades para que o processo educacional ocorra de forma a alcançar seu objetivo que é de formar seres autônomos.

Kant resgata em Rousseau a ideia de que a criança deve ser tratada como criança, não se deve antecipar as fases de seu desenvolvimento, mas defende a disciplina como fundamental para dominar a natureza selvagem do homem e integrá-lo à sociedade conforme for alcançando etapas de maturidade e autonomia.

A disciplina em Kant é dirigida de forma que as crianças sejam, num primeiro momento, obrigadas a obedecer sem questionar, inclusive fazendo uso (moderado) de castigos físicos caso necessário na primeira fase da criança, uma fase do desenvolvimento que impera a heteronomia. Com o decorrer do tempo e o amadurecimento da mesma os meios de correção devem ser mudados, pois na adolescência já é possível utilizar-se de outros meios para corrigir os erros cometidos.

A criança que comete um ato de desobediência grave merece punição. Kant afirma que:

As punições físicas consistem em recusar à criança o que ela deseja ou aplicar castigos. A primeira se assemelha à punição moral, e é negativa. As outras devem ser usadas com precaução para que não gerem disposição servil. (KANT,1999, p.79).

Mesmo com cautela o castigo físico, usado em situações extremas, não é descartado. Adorno também aceita que o castigo físico seja utilizado desde que seja para mostrar a criança que a barbárie deve ser evitada. Como exemplo, ele crê que uma criança que cause sofrimento a um animal, merece levar uma palmada, pois assim compreenderá a dor que causou em um ser vivo. “[...] quando os pais ‘dão uma palmada’ na criança porque ela arranca as asas de uma mosca, trata-se de um momento de autoridade que contribui para a desbarbarização.”(ADORNO, 1995, p.167). Adorno vivenciou um período em que a indiferença ao sofrimento

era comum. Para ele é imprescindível que os indivíduos aprendam a se controlar e a não praticar atos cruéis.

Adorno também elege a disciplina como responsável por formar indivíduos autônomos, mas para ele a disciplina deve ser exercida por um adulto portador de autoridade, autoridade esta reconhecida pela criança como legítima. Para ele o esclarecimento deve ser um processo que leva a criança a se tornar autônoma, mas sem traumas de uma autoridade exercida com autoritarismo.

Quando o autoritarismo e a dureza penetram na relação de educação da criança, esta acaba por tornar-se também um adulto duro e insensível e que repetirá o que viveu; também responsabiliza a educação baseada no autoritarismo por formar indivíduos que se deixam manipular com facilidade. Estes indivíduos aprenderam a obedecer cegamente, estão, por assim dizer, sob a tutela daqueles que os disciplinaram de forma autoritária.

A abordagem dada à primeira infância é diferente entre os autores. Kant defende que os bebês não devem receber tantos carinhos, que não se deve brincar sem um objetivo pedagógico, beijar em demasia, cantar e expressar de forma demasiada apreço afetivo, pois desta forma estariam acostumando os bebês a terem suas vontades satisfeitas, criando assim crianças indisciplinadas. Podemos observar essa opinião na seguinte passagem. Diz Kant: Podemos dizer que os bebês do povo são mais mal-acostumados que os das elites. Uma vez que o povo brinca com eles, acariciam, beijam, dançam com eles. (KANT, 1999, p.43).

Kant diferencia entre os bebês da elite e os bebês do povo, para ele a diferença entre os bebês da elite é que esses são entregues aos cuidados de amas, sendo que os pais pouco contato têm com os mesmos. Já os bebês do povo são por eles mesmos criados e, por este motivo, mais afagados pelos pais, fato que para Kant teria como consequência crianças mimadas.

Adorno discorda dessa posição dura em relação às crianças, defendendo que quanto melhor são tratadas as crianças na primeira infância, menos chance de errar. Quanto mais afeto, carinho, mais lembranças agradáveis farão parte de sua memória e contribuirá na formação de um caráter sólido. “Agrada pensar que a chance é tanto maior quanto menos se erra na infância, quanto melhor são tratadas as crianças.” (ADORNO, 1995, p.135). Para ele, tratar a criança com carinho e afeto contribui para que ela construa uma personalidade forte, convicta de seus valores e para tanto as lembranças agradáveis da primeira infância são fundamentais. Essas vivências agradáveis serão registradas em sua memória e dará suporte para lidar melhor com situações conflituosas no futuro. O afeto recebido fará com que este bebê tenha mais confiança nos adultos e, conseqüentemente, obedeça as regras impostas pela

disciplina, pois reconhecerá no adulto um portador de autoridade legítima. As crianças tratadas com mais afeto são crianças mais seguras de si e que conseguirão superar a fase de obediência a regras e superação do modelo paterno com maior segurança. O modelo paterno também é projetado no professor quando a criança começa a freqüentar a escola e se emocionalmente esta criança tem uma bagagem de memória afetiva positiva, ela conseguirá com maior facilidade superar esta fase e se auto-afirmar, constituindo assim um adulto com uma personalidade autônoma.

Aqui constatamos que os autores divergem sobre o tratamento a ser dado aos bebês, mas devemos levar em conta que Kant escreveu sobre o tema numa época em que as crianças eram tratadas como pequenos adultos ou com indiferença pelas famílias nobres. Além disso, Kant parte da perspectiva de que a razão é quem faz as mediações das relações e as demonstrações excessivas de afeto só farão com que a criança se torne mimada e indisciplinada. Adorno vivenciou uma guerra onde os sentimentos eram confinados e exaltados a frieza em relação ao outro. Para ele a mudança de comportamento dos adultos em relação às crianças é fator fundamental para que as mudanças ocorram. Quanto mais afeto recebe, mais tem para dar.

Há um aspecto que hoje em dia é desprezado nas escolas e que ambos vêm como benéfico e importante na formação dos sujeitos, a saber, a memorização. Apesar de ser um recurso utilizado na educação tradicional, os autores defendem que ela é necessária para disciplinar os alunos e exercitar a memória. Primeiro a posição de Kant, diz o autor:

A máxima *Tantum Scimus quantum memória tenemus* (tanto sabemos quanto retemos pela memória) tem lá sua verdade, e por isso o cultivo da memória é muito necessário. [...] A geografia especialmente se aprende por um certo mecanismo. A memória tem predileção por tal mecanismo que se torna utilíssimo em muitos casos (KANT, 1999, p.63/64).

Fica claro que a memorização como exercício para disciplinar a memória pode ser usado como recurso pedagógico, não se deve fazer uso em todas as áreas do conhecimento, mas é válida em muitos casos. “Deve-se cultivar desde logo a memória, procurando cultivar na mesma medida a inteligência”. (KANT, 1999, p.65). Isto significa que não se deve memorizar apenas, mas fazer a ligação com o que se estuda e as coisas gravadas na memória. A inteligência como memória é a capacidade de armazenar e relacionar informações e para isso é necessário dispor de memória, mas a memória por si só não se sustenta.

Adorno cita que é muito mais útil às crianças ficar na escola para aprenderem uma língua do que fazer viagens que só resultam em problemas. Exercitar a memória é um meio de aprendizado que funciona adequadamente. Como afirma:

[...] penso ser mais importante às crianças aprenderem na escola um bom latim, de preferência a estilística latina, do que fazerem tolas viagens a Roma que, via de regra, resultam apenas em desarranjos intestinais sem qualquer aprendizado essencial acerca de Roma. (ADORNO, 1995, p. 115).

Mesmo parecendo uma atitude reacionária, segundo ele, a memorização é uma forma de aprendizagem muito mais útil às crianças que têm que ter disciplina para exercitar a memória. O fato de exercitar a memória faz com que a criança desenvolva hábitos saudáveis que contribuirão na formação do caráter do indivíduo.

A criança que se habitua a exercitar a memória é uma criança disciplinada que terá muito mais facilidade para apreender outros conhecimentos e também a se auto-disciplinar, internalizando as regras, podendo agir desta forma com autonomia.

Para Kant a disciplina é fundamental para a formação do caráter do homem. Ele deve seguir as regras, ser disciplinado até que essas próprias regras sejam internalizadas de forma que seu agir não será mais por dever e sim por querer. Quando essa fase é superada, o homem está apto a conviver em sociedade e agir segundo as máximas, pois o objetivo maior da educação para Kant é a moralização.

Mas para que se atinja esse objetivo na educação a presença da autoridade se faz necessária tanto para Kant quanto para Adorno. Para Adorno a superação da autoridade é um processo que vai aos poucos acontecendo e, para tanto, a disciplina é necessária; ao superar a fase de heteronomia a relação de autoridade se dilui e surge uma relação entre iguais. Quando se alcança este estágio o indivíduo é capaz de refletir e questionar sobre os fatos e ter sua posição defendida de forma consciente.

A partir do exposto pode-se afirmar com alguma segurança que ambos os autores colocam na pedagogia e na formação de professores uma grande responsabilidade na formação das crianças. Para eles a pedagogia repete erros continuamente e os professores não são capazes de se reestruturarem para mudanças. Acabam cometendo sempre os mesmos erros e perpetuando a menoridade nos indivíduos.

A educação para a autonomia para Kant e Adorno “não podem ser produzidas na forma de uma racionalidade dirigida a fins de cunho pragmático, como se se construísse uma caixa e se precisasse, para isso, nada mais do que madeiras, pregos e martelo. Se o educando deve ser e continuar sendo o sujeito do processo educacional, não pode ser tratado como objeto a ser produzido.” (EIDAM, 2009, p.74). Isto significa dizer que os métodos a serem utilizados para educar devem ser sutis, mediados de forma que não se caia no mero uso da razão instrumental- formar indivíduos obrigados a alcançar a maioridade.

Para Kant a disciplina é fundamental para a formação do caráter do homem. Ele deve seguir as regras, ser disciplinado até que essas próprias regras sejam internalizadas de forma que seu agir não será mais por dever e sim por querer. “A disciplina não gera senão um hábito, que desaparece com os anos.” (KANT, 1999, p. 75).

Quando essa fase é superada o homem está apto a conviver em sociedade e agir segundo as máximas, pois o objetivo da educação para Kant é formar um ser moral.

Para Adorno a superação da autoridade é um processo que vai aos poucos acontecendo e quando se alcança este estágio o indivíduo é capaz de refletir e questionar sobre os fatos e ter sua posição defendida de forma consciente.

Ambos vêm na educação a forma de superar o estado de animalidade, de superar a fase da obediência e obter formação para se tornar um sujeito autônomo. Para que esse processo ocorra a disciplina é essencial em ambos, Kant defende a presença da autoridade legítima para impor a disciplina às crianças, porém esta não deve ser arbitrária pois é a fase do convívio social que a criança está aprendendo e ela deve aprender, conhecer e respeitar. Adorno defende que a disciplina deve ser exercida através da autoridade e não através de comportamentos autoritários.

A autoridade exercida de forma legítima, isto é, reconhecida como legítima pela criança, deve impor a disciplina, pois é através dela que a criança aprenderá as regras para conviver numa sociedade democrática. A autoridade exercida com autoritarismo é típica de regimes totalitários e Adorno almeja a construção de uma sociedade democrática.

3.3- Autonomia

O conceito de autonomia surge na filosofia política grega com o sentido de poder autárquico, isto é, como capacidade das cidades-estado em dar-se suas próprias leis sem estarem submetidas às leis ou vontade de outras cidades-estado. Portanto, nesse primeiro

sentido, a autonomia não estava referida a indivíduos, isso só se tornará possível durante o Iluminismo graças, sobretudo, à crítica kantiana.

Desde então o conceito de autonomia está ligado diretamente à reflexão pedagógica. As teorias educacionais dos mais variados matizes buscam dar ao sujeito condições de exercer livremente suas disposições sem o constrangimento de outrem, isto é autonomia. Isso se evidencia tanto no pensamento de Kant quanto de Adorno. Conceito esse que está relacionado à proposta educativa, isto é, a proposta pedagógica educativa que busca a formação do indivíduo. Este processo se inicia na primeira infância. Para Kant o indivíduo não é bom nem mau, ele é o que a educação faz dele, mas desde o nascimento existe uma disposição para fazer o bem e esta deve ser estimulada, orientada, seguindo regras que disciplinarão a criança até que livremente ela escolha fazer o bem e conseqüentemente se torne um ser autônomo.

Adorno também vê no processo pedagógico educativo o caminho para a autonomia. Para ele a disciplina é essencial para que esse processo se desenvolva de forma saudável. Obedecer regras impostas pelo adulto é um processo que faz parte da genética do indivíduo que tem por fim a superação da autoridade e a conquista da autonomia. “Penso que o momento da autoridade seja pressuposto como um momento genético pelo processo de emancipação.” (ADORNO, 1995, p.177).

3.3.1- Autonomia em Kant e Adorno

Autonomia para Kant se caracteriza pela capacidade humana de determinar sua vontade. Para ele o indivíduo deve ter a coragem de superar a preguiça para sair do seu estado de heteronomia. A capacidade de se auto-determinar é comum a todos os indivíduos, basta que haja um processo pedagógico educativo que permeie esse caminho.

O termo autonomia em Kant é usado para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de se determinar com uma lei própria, que é a da razão. Para ele o princípio da autonomia é escolher sempre e de tal modo que as máximas da escolha estejam compreendidas, ao mesmo tempo como leis universais no ato do querer.

Adorno vê a conquista da autonomia como um processo que além da educação sofre influência da sociedade na qual o indivíduo está inserido. Pois esta sociedade administrada impõe comportamentos e nega ao indivíduo a possibilidade do exercício da autoconsciência crítica e da formação cultural. Diante disso, ele considera que o esclarecimento ainda é

possível, que o homem precisa ter a coragem de fazer uso de seu próprio entendimento, pensando por si próprio.

A categoria autonomia indica a forte influência de Kant sob Adorno por legitimar a Educação como o único meio que poderia prevenir o princípio de Auschwitz, sob a perspectiva da autonomia. Para tanto, faz-se necessário o poder da reflexão, da autodeterminação, da não participação, e a partir daí dá-se o processo que Kant denomina de passagem do estado de tutela para a autonomia. Ocorrendo esse processo seria possível pensar em uma desbarbarização da sociedade que é a meta de Adorno, tendo por base o esclarecimento.

A superação da menoridade na concepção kantiana é através da experiência e a reflexão onde a primeira é a condição da segunda. A experiência nos transporta ao empirismo, ao contato com o objeto e sua historicidade. É um processo formativo, onde o indivíduo se torna experiente pelo acúmulo de resultados dos processos anteriores e seu próprio processo, proporcionando a capacidade da reflexão.

Cabe à educação além de ser um instrumento de prevenção contra a barbárie fornecer condições para a formação de um caráter autônomo segundo Adorno. Somente quando os indivíduos forem capazes de refletir criticamente sobre as condições dadas, estarão aptos a participar de uma sociedade baseada em princípios democráticos, pois como ser social e participe da construção de um mundo melhor faz-se premente que ele seja capaz de tomar suas próprias decisões.

A sociedade como está organizada dificulta nas pessoas a capacidade de decidir, pois os meios de comunicação (rádio, televisão, jornais) influenciam suas decisões e a capacidade de discernimento é afetada, fazendo com que “ter” o objeto divulgado seja mais valioso que se opor ao apelo comercial, problema este que se estende também as instituições educacionais que não cumprem seu papel de promover e estimular os alunos a desenvolver a consciência crítica através da análise de filmes exibidos, de leituras, músicas para poder analisar o que há por detrás desses artefatos e comparar com a autêntica arte e, assim, torná-los capazes de discernir, refletir e agir de forma autônoma diante dos apelos comerciais.

A educação tem um duplo papel para Adorno: adaptar o indivíduo à sociedade e também que ele oponha resistência à sociedade que se apresenta. Essa concepção dialética da educação é que desperta no indivíduo a consciência reflexiva, crítica. O indivíduo não deve aceitar as verdades prontas e impostas a ele e sim ajudar na construção delas. Discutir, dialogar, argumentar são atos que se deve cultivar na escola, para que na sociedade ele seja um ser atuante e contribua na construção da democracia. Citando Adorno:

A democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas. Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento. (ADORNO, 1995, p.169).

Isso significa que a educação, em seu duplo papel de adaptação à sociedade e de resistência a ela, deve formar indivíduos que tenham coragem de expor seus pensamentos com argumentação racional para contribuir na consolidação da democracia.

Para Kant uma sociedade justa depende de seres morais, autônomos e a educação para a autonomia desenvolve as capacidades individuais, para formar indivíduos racionais, conscientes, conhecedores de si e capazes de agir livremente. O indivíduo livre e autônomo formado através do processo educacional, segundo Kant, primeiro educou-se para si e depois para o outro. Nesse sentido forma-se o cidadão para o mundo.

Outro aspecto em relação à autoridade presente no processo de conquista da autonomia constatado em pesquisas empíricas realizadas nos Estados Unidos por Else F. Brunswik, segundo Adorno, demonstrou que crianças comportadas tornaram-se autônomas antes das crianças desobedientes. Isso significa que a autoridade presente na vida dessas crianças exerceu seu papel com legitimidade e que no desenvolvimento da personalidade da criança se diluiu e tornou-a um adulto autônomo, diferente das crianças desobedientes que criaram vínculos de dependência com pais ou professores.

Nos diálogos radiofônicos, Adorno concorda com Becker quando este afirma que: O processo de rompimento com a autoridade é necessário, porém que a descoberta da identidade, por sua vez, não é possível sem o rompimento com a autoridade. (ADORNO, 1995, p.177)

Constamos que o processo educacional iniciado na primeira infância tem em seu decorrer necessidade do uso da disciplina, do exercício da autoridade legitimada, pois assim as crianças compreenderam a razão de obedecer regras e ter limites de uma forma racional e dessa forma alcançam a autonomia mais cedo que as crianças indisciplinadas, rebeldes, que podem permanecer nesse estado indefinidamente sem ao menos se dar conta do fato.

Kant afirma que: Na educação tudo depende de uma coisa: que sejam estabelecidos bons princípios e que sejam compreendidos e aceitos pelas crianças. (KANT, 1999, p.96)

Quando as crianças compreendem porque devem obedecer às regras e respeitar os princípios, elas passam a dominar suas vontades e agir de forma que respeite a si e aos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar dois autores como Kant e Adorno não é tarefa fácil. Ambos têm uma visão muito clara do período em que viveram e capacidade incomum de analisar e criticar de forma profunda os problemas de suas respectivas épocas, e para compreendê-los em sua essência é necessário estudo e empenho.

Nenhum deles foi pedagogo, mas o legado deixado à humanidade é de grande valor no campo pedagógico educativo. Meu intuito nesta pesquisa foi o de trazer à tona suas respectivas análises no que concerne à educação, suas semelhanças e diferenças sobre o tema, em particular quando abordam a questão da disciplina e da autonomia.

Kant defende que, a época em que vivia precisava ser transformada para que os indivíduos se tornassem esclarecidos, autônomos, trabalhassem e tornassem assim, progressivamente menores os obstáculos de viver em sociedade. Seu pensamento fecha com chave de ouro o Iluminismo.

Adorno resgata a proposta de Kant de retirar o homem do estado de menoridade, tornando-o um ser autônomo através da educação. Para ele somente a educação será capaz de impedir que a barbárie retorne.

A proposta de Kant era a de desenvolver as capacidades naturais do indivíduo e torná-lo capaz de tomar suas próprias decisões. Para tanto, desenvolve pensamentos em como fazer isso. Para tanto, divide a educação em física e prática, sendo que ambas devem ser desenvolvidas concomitantemente e tem por objetivo torná-lo um ser moral.

Já a proposta adorniana tem a mesma finalidade, ou seja, libertar o indivíduo das amarras a que está atado na sociedade que o cerca. Somente quando desenvolver uma consciência reflexiva e for capaz de tomar suas decisões por conta própria o indivíduo estará apto a viver numa democracia.

Vemos que muitos problemas encontrados por Kant, para a realização do processo pedagógico educativo, também se encontram na proposta de Adorno. Dentre as propostas destacamos que ambos vêm na família, isto é, desde a primeira infância que o processo educativo deva se iniciar. Para tanto é necessário a presença de um adulto que exerça a autoridade de forma legítima, isto é, autoridade reconhecida pela criança. A disciplina em ambos também ocupa papel de destaque, melhor, é fundamental haver disciplina para que o processo pedagógico ocorra. Obedecer às regras faz com que o indivíduo se auto-discipline e

caminhe para a autonomia. Vemos então, que é na primeira infância que o processo pedagógico inicia-se e que a disciplina é essencial para formar indivíduos autônomos.

Apesar de divergirem em alguns aspectos, a proposta dos autores é a de auxiliar o indivíduo a alcançar a autonomia para viver numa sociedade melhor e para que haja um processo de humanização no decorrer dessa fase.

As propostas de ambos são válidas e dignas de estudos que façam a releitura de seus pensamentos no campo didático-pedagógico, pois os problemas que apresentaram ainda perpetuam a sociedade vigente.

Não creio que seja necessário apontar novamente os pontos em que há afinidades e divergências, visto que já foi feito no capítulo anterior. Vale ressaltar que a contribuição de Kant para o pensamento de Adorno foi de fundamental importância, pois ele resgatou o conceito de Esclarecimento que para ele ainda é viável de se realizar, pois considera que o indivíduo esclarecido, autônomo, precisa ter coragem de fazer uso de seu próprio entendimento, pensando por si próprio.

O caminho trilhado por ambos perpassa a infância, a obediência e a autonomia. Com divergências, como já citado, em alguns aspectos, inclusive por diferenças históricas, tendo em vista que Kant escreveu *Sobre a Pedagogia* no período de 1776 a 1787 e Adorno participou das conferências radiofônicas no período de 1959 a 1969 que rendeu o livro *Educação e Emancipação*.

O estudo sobre a questão da Educação em ambos os autores fez ver que, apesar de as propostas parecerem utópicas, românticas e difíceis de realizar, são caminhos que induzem à reflexão sobre a educação nos dias de hoje. Tanto Kant quanto Adorno consideravam a educação como uma tarefa de difícil realização, mas que cabia aos indivíduos, preocupados com o rumo tomado pela sociedade, fazer frente a esses problemas, e, se não resolvê-los, ao menos levar a questionamento sobre que sociedade queremos ter e que indivíduos nela viverão.

À educação cabe formar consciências reflexivas para tornar a sociedade mais humana e integrada com a vida, para que o ser humano torne-se autônomo e conquiste seu espaço social, cultural, político, por meio do saber e do conhecimento. Enfim, que o indivíduo forme a consciência reflexiva e autônoma, o que contribuirá na tarefa fundamental de transformação social e educacional. Diante do exposto fica a questão: qual é o papel da educação? Ela é suficiente para evitar a barbárie? A autonomia é realmente conquistada pelo indivíduo no processo pedagógico educativo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. As estrelas descem à terra: a coluna astrológica do Los Angeles Times: Um estudo sobre superstição secundária. Tradução Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo. Editora Unesp. 2008.

_____. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos/ Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, tradução Guido Antonio de Almeida. – Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. Educação e Emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Escritos Sociológicos II. Primeira parte. Obra completa, 9/1. Edición de Rolf Tiedemann com La colaboración de Gretel Adorno, Susan Buck-Morss y Klaus Schultz. Trad. Augustín González Ruiz. Ediciones Akal, S.A., 2009.

_____. Teoria Estética. Trad. Artur Morão. São Paulo: Edições 70, 1970.

_____. & HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento. Fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARIÈS, Philippe. Historia social da criança e da família. Trad. Dora Falksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CENCI, Ângelo Vitório, Dalbosco, Cláudio Almir, Muhl, Eldon Henrique (Org.) Sobre filosofia e educação. Racionalidade, diversidade e formação pedagógica. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

DALBOSCO, Claudio A.. Pragmatismo, teoria crítica e educação: ação pedagógica como mediação de significados. Campinas: Autores Associados, 2010. – (Coleção Educação contemporânea).

_____. Kant & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011. – (Coleção Pensadores & Educação).

_____. Educação natural em Rousseau: Das necessidades da criança e dos cuidados do adulto. São Paulo: Cortez Editora, 2011b.

_____ & EIDAM, HEINZ. Moralidade e Educação em Immanuel Kant. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

DUARTE, Rodrigo. Teoria crítica da indústria cultural. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2003. (Humanitas).

FREUD, Sigmund. Obras completas de Sigmund Freud. In: Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

HABERMAS, J. Pensamento Pós-Metafísico – Estudos Filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

_____. O Discurso Filosófico da Modernidade. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

HOYER, Timo. Maioridade como objetivo da educação: esboço acerca da história de um problema. In: DALBOSCO, Claudio Almir; FLICKINGER, Hans Georg (Coord.). Educação e maioridade: dimensões da racionalidade pedagógica. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

KANT, Immanuel. A Metafísica dos Costumes. Bauru, SP: Ed. Edipro, 2003.

_____. Crítica da razão prática. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, s.d.

_____. A religião nos limites da simples razão. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

_____. Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?. In: A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. Ideia de uma história universal como um propósito cosmopolita. In: A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. Que significa orientar-se no pensamento? In: A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. Fundamentação da metafísica dos costumes. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____. Sobre a Pedagogia. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª Ed. Piracicaba. Editora UNIMEP, 1999.

LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (org.). Teoria crítica, ética e educação. Organizado por Luiz A. Calmon Nabuco Lastória, Belarmino Cesar Guimarães da Costa e Bruno Pucci. Piracicaba/Campinas, Editora UNIMEP/Editora Autores Associados, 2001.

NOBRE, Marcos. A Teoria Crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PIAGET, Jean. O juízo moral na criança / Jean Piaget; tradução Elzon Lenardon. – São Paulo : Summus, 1994.

PUCCI, Bruno. Adorno : o poder educativo do pensamento crítico / Bruno Pucci, Newton Ramos-de-Oliveira, Antonio Álvaro Soares Zuin – Petrópolis, RJ : Vozes, 1999.

PUCCI, Bruno. Filosofia negativa e educação em Adorno. S.d. Disponível em www.unimep.br/~bpucci/filosofia-negativa-e-educacao-adorno.pdf. Acesso em 18 jun. 2012.

ROUANET, Sérgio Paulo. Teoria Crítica e Psicanálise. 3ª edição, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.